



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Priscila Lima Fonseca

Mulheres e uma distopia estética o *Conto da Aia*

São Gonçalo

2021

Priscila Lima Fonseca

Mulheres e uma distopia estética o *Conto da Aia*

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Processos Formativos e Desigualdades Sociais.

Orientadora: Prof.^a Dra. Rosimeri de Oliveira Dias

São Gonçalo

2021

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D

F676 Fonseca, Priscila Lima.
Mulheres e uma distopia estética o *Conto da Aia* / Priscila Lima
Fonseca. – 2021.
89f.

Orientadora: Prof.^a Dra. Rosimeri de Oliveira Dias.
Dissertação (Mestrado em Educação – Processos Formativos e
Desigualdades Sociais) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro,
Faculdade de Formação de Professores.

1. Atwood, Margaret, 1939-. A história de aia – Teses. 2. Atwood,
Margaret, 1939- – Crítica e interpretação – Teses. 3 Mulheres – Condições
sociais – Teses. 4. Feminismo e literatura – Teses. I. Dias, Rosimeri de
Oliveira. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de
Formação de Professores. III. Título.

CRB/7 4994 CDU 820(73)-95

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Priscila Lima Fonseca

Mulheres e uma distopia estética o *Conto da Aia*

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Processos Formativos e Desigualdades Sociais.

Aprovada em 23 de julho de 2021.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Rosimeri de Oliveira Dias (Orientadora)
Faculdade de Formação de Professores - UERJ

Prof.^a Dra. Iran de Maria Leitão Nunes
Universidade Federal do Maranhão

Prof.^a Dra. Heliana de Barros Conde Rodrigues
Instituto de Psicologia - UERJ

São Gonçalo

2021

DEDICATÓRIA

Às mulheres que fizeram e fazem parte da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente à Professora Rosimeri Dias, que de uma forma sensível me orientou na processualidade dessa pesquisa. Sou muito grata pela sua generosidade e pelos afetos que me foram proporcionados. Nessa trajetória, pude conhecer uma mulher forte e admirável, que caminhou comigo, mesmo atravessadas tristemente por uma Pandemia. Nessa caminhada me fez ver que a filosofia pode ser uma linha de fuga, em meio ao caos e que a alegria é uma forma de resistência.

Sou grata também a turma de mestrado, ao grupo de orientação coletiva, às colegas de orientação, pelas amizades que surgiram, cada gesto, cada palavra que compuseram essa dissertação durante as trocas, principalmente nas segunda feiras à tarde, que por um tempo foi presencial e por outro virtual...

Às professoras do Programa de Pós-Graduação em Educação-Processos Formativos e Desigualdades Sociais.

À professora Iran de Maria Leitão Nunes, da qual fui aluna da graduação na Universidade Federal do Maranhão, que com toda sua generosidade contribuiu na processualidade desta dissertação.

À professora Heliana de Barros Conde Rodrigues, que aceitou generosamente fazer parte da banca de defesa.

À minha mãe, avó, irmã e meu pai.

Agradeço às minhas amigas de São Luís – MA, e do estado do Rio de Janeiro.

E por fim, à Vanessa França, a mulher mais maravilhosa que conheci, que por mais que eu tente, não tenho palavras suficientes para agradecer. Obrigada pelo amor, cumplicidade, apoio incondicional e por me despertar a vontade de querer tentar ser uma pessoa melhor.

[...] Filha do homem ela não é, tampouco, noiva do

Anjo:

para além dos prolíficos pântanos do paraíso

à espera de serem drenados

o unicórnio

conduz Lilith, aquela que já conhece

a forma misteriosa da raiz da mandrágora

e o golem que cresce na semente. Ela sabe

que o jaspe depositado no meimendo

provoca um sono mortal, mais árido e estranho

do que aquele que se abateu sobre Orfeu,

que na vulva da estrelada moreia

há um embrião de sereia

no lírio e o látex

que gerará as Amazonas, e cem

divindades femininas estão à espera no imerso aberto

sob a forma de patinhos dourados

outras cem divindades femininas

serão alimentadas por unicórnios e seu sangue

estará isento de contágio, presciente do fogo [...]

(O Livro de Lilith: O resgate do Lado Sombrio do Feminino Universal)

RESUMO

FONSECA, Priscila Lima. *Mulheres e uma distopia estética o Conto da Aia*. 2021. 89f. Dissertação (Mestrado em Educação – Processos Formativos e Desigualdades Sociais) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. São Gonçalo, 2021.

A presente pesquisa cartografa a primeira temporada da série *The Handmaid's Tale* – *O Conto da Aia*. Trata-se de uma série distópica baseada no livro da escritora canadense Margaret Atwood, que retrata uma República chamada Gilead, que se consolida como um regime teocrático e autoritário. Nesse contexto, as mulheres férteis têm como função a procriação, denominada Aias, vestem um vestido vermelho e usam abas brancas na cabeça, para terem sua visão limitada. Gilead se estrutura em castas e, além das Aias, existem os Comandantes, Esposas, Olhos, Martas. O objetivo deste estudo, portanto, é fazer ver e falar sobre as mulheres que permeiam os espaços sociais e formativos tendo como ponta estética a série, forjando uma conversa entre conceitos e intercessoras. Com o que nos força a pensar – intercessoras – a escrita da dissertação, realizada no feminino, acontece por meio dos dez episódios da primeira temporada, sendo atravessada por acontecimentos do presente, buscando, ao mesmo tempo, um posicionamento ético, estético e político. Há conceitos e autoras que funcionam a favor desta cartografia: dispositivo, panoptismo, processos disciplinares que atravessam a sociedade, gênero, discurso, sujeição e os corpos das mulheres, dentre outros. Coloca-se em análise interdições, práticas discursivas que reforçam os assujeitamentos das mulheres. Para tanto, há outras intercessoras como as personagens da série, a exemplo de Guacira Lopes Louro, Silvia Federici, Judith Butler, Michel Foucault, Gilles Deleuze e Felix Guattari. Face a isto, a aposta é a de problematizar o tema das mulheres e suas redes aquecidas, os processos formativos e a singularidade que nos levaram a essa pesquisa.

Palavras-chave: Mulheres. Panoptismo. Discurso. Formação.

ABSTRACT

FONSECA, Priscila Lima. Women and an aesthetic dystopia Aia's Tale. 2021. 89f. Dissertação (Mestrado em Educação – Processos Formativos e Desigualdades Sociais) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. São Gonçalo, 2021.

This research maps the first season of the series *The Hands Made Tale – O Conto da Aia*. This is a dystopian series based on the book by Canadian writer Margaret Atwood, which portrays a Republic called Gilead, which consolidates itself as a theocratic and authoritarian regime. In this context, fertile women have the role of procreation, called Aias, wear a red dress and wear white brims on their heads, in order to have their vision limited. Gilead is structured in castes and, in addition to the Maids, there are Commanders, Wives, Eyes, Martas. The objective of this study, therefore, is to make people see and talk about the women who permeate social and educational spaces, having the series as an aesthetic point, forging a conversation between concepts and intercessors. With what forces us to think – intercessors – the writing of the dissertation, carried out in women, takes place through the ten episodes of the first season, being crossed by current events, seeking, at the same time, an ethical, aesthetic and political position. There are concepts and authors that work in favor of this cartography: device, panoptism, disciplinary processes that cross society, gender, discourse, subjection and women's bodies, among others. Interdictions, discursive practices that reinforce the subjection of women, are analyzed. To do so, there are other intercessors such as the characters in the series, such as Guacira Lopes Louro, Silvia Federici, Judith Butler, Michel Foucault, Gilles Deleuze and Felix Guattari. Given this, the bet is to discuss the issue of women and their heated networks, the training processes and the uniqueness that led us to this research.

Keywords: Women. Panoptism. Speech. Formation.

SUMÁRIO

	OFFRED	9
1	BIRTH DAY (ANIVERSÁRIO)	27
2	LATE (ATRASADO)	40
3	NOLITE TE BASTARDES CARBODORUM	49
4	FAITHFUL – (FIEL)	54
5	A WOMAN’S PLACE (O LUGAR DE UMA MULHER)	62
6	THE OTHER SIDE (O OUTRO LADO)	70
7	JEZEBEL (JEZEBELS)	74
8	THE BRIDGE (A PONTE)	79
	NIGHT (NOITE): DESCONTINUAR PARA CONCLUIR E SE ABRIR PARA OS PRÓXIMOS EPISÓDIOS	83
	REFERÊNCIAS	87

OFFRED

No início da pesquisa e no decorrer de todo processo indaguei o que move a escolha desse território existencial. De que maneira cheguei até aqui? O que me levou à escolha e desenvolvimento dessa proposta? Que tipo de formação política estou produzindo com essa pesquisa? A pretensão não é a de levantar afirmações objetivas e resultados concretos e absolutos nos moldes da pesquisa cartesiana, mas sim acompanhar, visibilizar, sentir a escrita, leituras, experiências “como processo que arrasta as palavras de um extremo a outro universo”, em um devir-mulher (DELEUZE, 1997, p.9). Inicialmente foi necessário fazer emergir, fazer ver e falar a singularidade da minha trajetória de vida, como mulher, nordestina, filha de teólogo, classe baixa, professora, feminista.

Pensando a produção da diferença, não apresento nenhum modelo estrutural prévio. Esta pesquisa não é sobre feminismo, é uma cartografia. Uma cartógrafa inventa um território dentro do caos, cria um mapa aberto do pensamento e o acompanha, para dar passagem ao novo. A noção de rizoma de Deleuze e Guattari, me auxilia na compreensão desse processo. O rizoma é um tipo de raiz que é puramente descentralizada. Diante disso, as linhas desta dissertação visam romper com os binarismos, dicotomias, linearidades. Ao invés de buscar um destino objetivo, busca a subjetividade, pois “escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir” (DELEUZE, GUATTARI, 2000, p.12).

Nessa dimensão, o objetivo na pesquisa é fazer ver e falar sobre e com as mulheres que permeiam os espaços sociais, tendo como ponta estética os episódios da primeira temporada da série *The Hands Made Tale (O Conto da Aia)*. A proposta aqui não é fazer uma exegese dos trabalhos dos intercessores que me acompanham nessa dissertação, mas sim conversar com os conceitos, que são operadores de pensamento para colocar em análise a primeira temporada da série *The Hands Made Tale (O Conto da Aia)*. As linhas desta dissertação são escritas no feminino, forjando uma ruptura assignificante com a própria língua, que é hegemônica e masculina.

Com esta aposta estética e conceitual, há questões de análise, nesta pesquisa, que se correlacionam com o território existencial que me move e me constitui. Neste sentido, os inícios passam pelos mapas constitutivos que me atravessam. Nasci em uma família de classe baixa, na cidade de São Luís do Maranhão. Tive uma criação fundamentada em princípios

cristãos, com a família materna evangélica e a paterna, católica. Em um país onde a maioria das pessoas são cristãs, a educação familiar que tive foi pautada em um moralismo dicotômico céu/inferno, certo/errado, bom/mau. Mãe dona de casa e pai teólogo presbiteriano, habitualmente íamos à Igreja quatro vezes na semana, mas os domingos eram dias especiais, pois passávamos o dia juntos.

Como eram rígidos, incentivavam o hábito da leitura desde criança, tinham pilhas e pilhas de revistas, romances antigos, literatura cristã, livros de aventuras infantis da biblioteca do Seminário de Teologia. Havia uma enorme preocupação com a educação formal e esforços foram feitos para que eu estudasse em escolas particulares, escolas pequenas, de bairro. Na adolescência passei a utilizar o hábito de ler para conhecer outros tipos de leitura que até então eram desconhecidas e proibidas. Na mesma época, passei a ouvir outros tipos de músicas, como o rock'n roll, como Pantera, Sepultura, Pink Floyd, Led Zeplin. Aos poucos, foram surgindo outros olhares, novas experiências, questionamentos, incertezas.

Já cursando o Ensino Médio frequentava a Biblioteca Pública do centro de São Luís. Lá, eu pude me aproximar de leituras tímidas e sem pretensões, como *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir; *A república*, de Platão; *O Anticristo*, de Nietzsche; *O mundo de Sofia*, de Joisten Gaarder; *Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*, de Jean Jacques Rousseau; *Leviatã*, de Thomas Hobbes; *O príncipe*, de Nicolau Maquiavel e alguns outros.

As relações passaram a ser com outras pessoas, que não eram do meio religioso, e as novas amizades apresentavam novos gostos, outras formas de viver, que até então eram desconhecidas. Já na transição entre o fim do ensino médio e da entrada no ensino superior, passei a participar de reuniões do grupo Anarco Punk de lá, todas muito alternativas: corte de cabelos diferentes, coloridos... Toda semana nos reuníamos, e sempre alguém levava algum texto para ler. Textos de Proudhon, Bakunin, nomes nunca ouvido antes. Escutava atentamente a fala de todas, e a partir daí, comecei a tensionar meus pensamentos da época. Nesse período, saí da igreja e fui morar sozinha.

Após a aprovação no vestibular, mudei para República de Mulheres Estudantes da Universidade Federal do Maranhão. Cursei Pedagogia. E durante a graduação estagiei na Biblioteca, em algumas secretarias, fiz pequenos trabalhos em algumas ONG's, me tornando independente financeiramente. A experiência de morar na residência estudantil (Lar Universitário Rosa Amélia Gomes Boga – LURAGB) contribuiu para que eu pudesse estudar, pois tinha direito a bolsa alimentação e a estágios remunerados. A casa era localizada

em um lugar privilegiado, no centro histórico da cidade, perto de bares, boates, teatros, cinemas e da Universidade. Morei lá durante 7 anos e considero que as experiências, os conflitos decorrentes da convivência com mais 30 mulheres foram momentos de grande aprendizado.

Algumas reuniões com as meninas do movimento anarco punk aconteceram na casa de estudante que morei. Naquele período conheci algumas feministas que indicavam, nas rodas de conversa, livros de escritoras consideradas referência. Ouvía e lia nomes como Simone de Beauvoir, Olympe de Gouges, Mary Wollstonecraft, dentre outras. Ler alguns capítulos de *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, no começo da juventude foi importante para começar a questionar até que ponto ser mulher em nossa sociedade era algo natural, se as características biológicas realmente determinavam comportamentos e até onde iria a minha liberdade de escolha na vida de mulher.

Em uma das reuniões que participei, conversamos sobre a vida de Olympe de Gouges. Lembro que as conversas eram voltadas para o fato de que ela era uma mulher que tinha vivido boa parte de sua vida para evitar a violência. Além disso, tinha uma maneira esplêndida de reivindicar os direitos que ao longo dos séculos as mulheres foram perdendo. Em 1791 escreveu a Declaração dos Direitos da Mulher, que questionava e satirizava a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, e em sua adaptação incluía questões relacionadas às realidades das mães, filhas, irmãs. Por se opor veementemente aos montanheses e denunciar Marat e Robespierre, em 1793 foi presa e guilhotinada. Antes de morrer escreveu uma autobiografia intitulada “Uma patriota perseguida”.

Entre algumas histórias ouvidas na juventude, posso citar aqui a de Mary Wollstonecraft, que foi uma inglesa que lutava para que as mulheres fossem incluídas como cidadãs na Constituição Francesa. Acreditava que as mulheres deveriam ter acesso à educação racional e serem independentes financeiramente, se contrapondo a Jean – Jacques Rousseau e Alexander Pope que viam as mulheres como seres inferiores. Mary escreveu um dos grandes clássicos “Reinvindicação dos direitos da mulher”, publicado em 1792, considerado uma obra que impulsionou o feminismo. Foi uma intelectual libertária e militante antiescravagista. No decorrer da sua vida sofreu violência por parte do pai, trabalhou em empregos domésticos e ainda assim conseguiu se tornar uma intelectual de prestígio na Inglaterra.

Tanto Mary como Olympe de Gouges se empenharam na luta pela igualdade e ambas sofreram influências do Iluminismo para questionar a subserviência da mulher ao homem. Em

1774, Gouges funda uma escola em Newington Green e começa a atuar a favor da educação da mulher. Sua segunda filha, Mary Shelley, foi consagrada por escrever Frankenstein. Mary acabou falecendo dez dias após o parto por conta de uma septicemia. Destaco, portanto, que Reinvidicação dos direitos da mulher é um livro que aborda várias questões como: direitos e deveres da humanidade, causas que levam as mulheres a serem reduzidas, censuras que escritores que defendiam as mulheres sofriam, afeto parental, o dever dos pais, dentre outras questões relacionadas ao aperfeiçoamento moral que a revolução causaria as maneiras femininas.

Com o passar do tempo, após participar das reuniões e envolver-me com estas leituras e conhecer a biografia das autoras, percebi que as histórias das mulheres, amigas, com quem eu convivía, de certa maneira me inspiravam e me tocavam como as histórias contadas por Maria, minha avó, sobre como tinha sido criar e educar as cinco filhas sozinha, como foi construir uma casa com as próprias mãos, sendo costureira, e com uma baixa escolarização, apenas com o ensino fundamental completo. Com o tempo, percebi que muitas mulheres que passaram pela minha vida, levavam uma vida de micro resistência.

Inspirada em muitas mulheres que passaram e passam pela minha vida, continuei estudando e aprimorei meus estudos e aprendizados desde a pesquisa monográfica que produzi na graduação em Pedagogia, na Universidade Federal do Maranhão, que foi sobre as concepções de gênero que permeavam o fazer docente de professoras da Educação Infantil. Por entre as observações, entrevistas e orientações, os questionamentos só aumentavam, e considero que esse foi um momento de grande aprendizado e trocas vividas. Minha orientadora, a Professora Dr.^a Iran de Maria Leitão Nunes anteriormente tinha lecionado na graduação uma disciplina sobre Mulheres e Magistério que serviu de grande inspiração para a escolha do meu tema¹.

Durante as observações realizadas nesse período, tive a curiosidade pelo tema aguçada, pois para pesquisar houve uma aproximação com as alunas, professoras, coordenadora e diretora de uma escola de Educação Infantil, escolhida para tal. Nessa pesquisa foram pontuadas noções básicas acerca de gênero e da sexualidade, questões relacionadas ao corpo e aos mecanismos de poder que perpassavam aquela escola. Ali haviam experiências que sinalizavam para um modelo de educação centrada em uma lógica sexista e binária. Era possível sentir que a estrutura daquela escola tinha como base a separação de “meninos” e “meninas”. Por vezes, nas conversas com as professoras era possível ouvir o

¹ Gênero e Educação: uma reflexão acerca das relações de gênero na Unidade de Ensino Básico Carlos Madeira – Anexo I

discurso biológico em suas falas, legitimando suas práticas, no sentido de justificar o porquê do “rosa” e do “azul”, além das brincadeiras que eram separadas em “brincadeiras de meninos” e “brincadeiras de meninas”. Até mesmo no refeitório havia essa separação. Era como se a organização visual da escola estivesse dividida em dois universos diferentes, como dito acima, o rosa e o azul.

Já na fase final do curso de Pedagogia, fiz o vestibular para cursar Ciências Sociais. Cursei até o quarto período, e frequentei um grupo que trabalhava com questões de gênero e cinema, mas a vida me levou para outros rumos, aquela cidade já não me cabia mais, saí de São Luís e vim para o Rio de Janeiro... Nesta cidade, trabalhei em uma empresa de “Call Center”, aproveitando a carga horária de trabalho favorável para fazer uma Pós-Graduação em Administração e Supervisão Escolar. Um tempo depois, fiz outra especialização à distância em Filosofia e Sociologia.

Passados quatro anos, em 2016, me reaproximando da área da Educação, prestei concurso para a Prefeitura do Município de São Gonçalo, como Docente II, profissão que historicamente passou por um processo de feminização e ainda hoje é descrita com estereótipo associado a vocação e maternidade. Assumi uma turma e leciono há cinco anos como professora do Ensino Fundamental (atualmente no quarto ano). Durante esse tempo, pude experienciar e sentir como a escola é uma das instituições que auxilia no processo de controle dos corpos das mulheres.

Na escola que leciono, no ano de 2018, tive a oportunidade de assistir uma palestra sobre “Gênero, Sexualidade e Currículo”. Essa palestra foi realizada pelas professoras da UERJ (Universidade Estadual do Rio de Janeiro) Denize Sepúlveda e Alexandra Garcia. Em meio a discussão sobre o tema, senti muito desejo de voltar a academia, o que fez com que eu participasse do processo seletivo para o Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação – Processos Formativos e Desigualdades Sociais, no campus da Faculdade de Formação de Professores da UERJ, situado em São Gonçalo-RJ. No momento da conversa com as professoras e funcionárias da escola lembrei da época da faculdade, o que aumentou mais ainda o desejo de voltar a estudar. Escrevi o projeto sobre “Gênero e sexualidade: Comportamentos considerados dissidentes nas escolas”, e fui aprovada.

Já no início do curso, no decorrer da disciplina “Sujeito e Sociedade”, ministrada pela Professora Dr.^a Rosimeri Dias, o projeto foi começando a tomar outra forma. Tanto nas discussões e leituras realizadas na disciplina, como nas reuniões do grupo de estudo² e

² OFIP – Oficina de Formação Inventiva de Professores.

orientação coletiva com as colegas essa construção foi se transformando. Nas reuniões costumamos discutir textos de Michel Foucault, das orientandas, bolsistas da graduação, alunas de mestrado e também de doutorado, propondo assim uma construção coletiva dos textos e pesquisas. Esses momentos para mim foram marcados de muito afeto, pois o início do curso coincidiu com as eleições presidenciais de 2018, momento que estava desolada.

O feminicídio, crimes por homofobia e transfobia, sempre foi uma marca forte nas sociedades, sobretudo, na sociedade brasileira, no governo Bolsonaro essa marca tomou um outro contorno e tem se tornado mais visível. O histórico de declarações machistas, homofóbicas e racistas já eram características marcantes do seu discurso, até mesmo quando ainda era deputado. Já no ano de 2018 o número de assassinatos de mulheres aumentava. O último registro de assassinatos da população trans, lançado em 2019, indicou que 82% que são assassinadas são negras e pardas (Associação Nacional de Travestis e Transexuais – ANTRA). Durante o isolamento devido a Pandemia, aumentou em 48% o transfeminicídio.

É sabido que algumas vidas importam mais que outras. Sobre esse assunto, Judith Butler desenvolveu em seu recente trabalho publicado no Brasil, “Corpos que Importam” uma ampliação do funcionamento da hegemonia heterossexual. A autora problematiza quais as limitações dos corpos materializados sexuados e os efeitos violentos da inteligibilidade cultural. A filósofa pontua, ainda, que um corpo para se tornar “viável” precisa ter um “sexo”, sendo essa uma das normas que podem qualificar esse sujeito, como um sujeito que importa ou não, “desidentificações coletivas podem facilitar a reconceitualização de quais corpos importam [matter] e que corpos estão por emergir como matéria crítica e interesse” (BUTLER, 2019, p. 19).

No Brasil, vivemos uma realidade de exclusão, preconceito e violência de mulheres, LGBTQI+, negras, pobres. Em determinados contextos, ainda morrem diariamente vítimas de opressão e subserviência. Vale ressaltar que: “Feminicídio é o assassinato de uma mulher pela condição de ser mulher. Suas motivações mais usuais são o ódio, o desprezo ou o sentimento de perda do controle e da propriedade sobre as mulheres...”³. Diante disso, destaco que, apenas em 2015, foi aprovada a lei que aumenta a pena para autores de crimes como os feminicídio, passando de 6/12 para 20/30 anos de prisão. A ONG “Artigo 19” publicou resultados de uma pesquisa sobre os dados de feminicídio aqui no Brasil, com a hashtag #invisibilidademata. Lembrando que o Brasil é o 5º mais violento do mundo com mulheres e essas estatísticas só têm aumentado, principalmente em tempos de pandemia. Nesse período, a

³ <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/feminicidio/> (Instituto Patrícia Galvão, Dossiê Feminicídio).

taxa de assassinatos contra mulheres aumentou em 5%. É importante registrar nesta dissertação, que em 2021, vivemos um período pandêmico que perdura há um ano, por conta da covid – 19⁴.

No último ano, em função da pandemia e seu necessário distanciamento social, além dos feminicídios, outras violências extremas são cometidas diariamente contra mulheres, porém umas ficam no anonimato, outras, viralizam e se tornam marco. No mês de setembro de 2020, por exemplo, o Brasil assistiu ao caso da influencer Mariana Ferrer, que foi vítima de estupro em 2018, sendo que o réu foi inocentado. Alguns vídeos do julgamento viralizaram na internet, e foi possível perceber que a vítima foi subjugada, humilhada e desacreditada. Palavras foram ditas durante o julgamento levando as pessoas a entenderem que não houve a intenção do estupro, mas sim um “estupro culposo”, expressão que virou um dos assuntos mais comentados nas redes sociais. Milhões de mulheres, além de artistas, apoiaram Mariana, que teve suas fotos “sensuais” usadas contra ela. Várias falas do advogado foram mostradas nos vídeos como: “não adianta vir com esse teu choro dissimulado, falso e essa lábia de crocodilo”⁵.

Assistimos durante esses meses, um show de horrores. Há milênios essas violências são vivenciadas, por nós, mulheres. Outro caso, que me deixou devastada foi o da barbárie cometida contra uma menina de 10 anos⁶. Em agosto de 2020, um grupo de fundamentalistas começaram a expor e atacar a criança e sua família, que foi estuprada pelo tio (desde os seis anos), e engravidou. Além de ataca-la, atacavam o médico que realizaria o aborto. Inúmeros grupos protestaram contra o aborto, até mesmo na porta do hospital que a criança estava internada. Em contrapartida diversas organizações e parte da população se manifestaram a favor da menina. A luta foi ganha, e o aborto realizado. Dentre tantas, pelo menos uma foi ganha⁷.

Diante de tal contexto, a presente pesquisa traz questões relacionadas à mulher na sociedade e seus efeitos na educação. A problematização é um operador conceitual e metodológico que ganhará um corpo de saber aqui nesta pesquisa ética, estética e política (GUATTARI, 2006).

⁴ A doença do Coronavírus (COVID-19) é uma doença infecciosa causada por um Coronavírus recém-descoberto.

⁵ <https://theintercept.com/2020/11/03/influencer-mariana-ferrer-estupro-culposo/> Acesso: 11/03/2020

⁶ <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-08-16/menina-de-10-anos-violentada-fara-aborto-legal-sob-alarde-de-conservadores-a-porta-do-hospital.html> Acesso: 15/10/2020

⁷ <https://theintercept.com/2020/08/16/youtube-twitter-instagram-menina-aborto-estupro/> Acesso: 16/08/2020

Nesta presente dissertação, como eixo ético – estético – político das análises, utilizamos a série de televisão *O Conto da Aia* para nossa discussão. A ideia é transversalizar a problematização acerca do tema das mulheres, fazendo uma conversa com as cenas, diálogos, pensamentos dos personagens e discursos cartografados a partir da série. Com isso, ela nos auxiliar a pensar o controle da vida das mulheres e das Aias⁸, problematizando a sociedade do patriarcado, onde o dispositivo da sexualidade, no século XIX, opera pela histerização da mulher e regulação das populações, onde a família se torna um “fator capital de sexualização” (FOUCAULT, 1988).

A partir desse material, farei uma conversa com noções conceituais, juntamente com as intercessoras: a série, as autoras Butler (2019), Louro (1997), Scott (1990) e com Michel Foucault (1988). A escolha da série *O Conto da Aia*, trouxe a possibilidade de análise, de crítica no sentido de ampliar as problematizações acerca do processo de pesquisa que está atrelada a vida das mulheres. Nessa processualidade, as intercessoras forcem o pensamento a pensar, do modo como proposto por Deleuze (2008, p. 156):

A criação são os intercessores. Sem eles não há obra. Podem ser pessoas – para um filósofo, artistas ou cientistas; para um cientista, filósofos ou artistas – mas também coisas, plantas, até animais, como em Castañeda. Fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar seus próprios intercessores.

É como uma intercessora que aposto no uso de *O Conto da Aia*, nesta dissertação, para esgaçar bordas estéticas e inventar saídas e seguir resistindo e afirmando a vida intensiva das mulheres. As pesquisas acadêmicas são de extrema importância para enfrentarmos a atual conjuntura e afirmarmos nosso micro resistências. Sendo assim, pretendo tornar visível questões acerca da mulher, que conceitos operam nesse processo de controle de condução das condutas das mulheres (governamentalidade) e que emergem na série, além de pontuar as tensões e contradições, pistas e sinais. Os episódios, sendo uma ficção, apresentam aproximação com o que se vive em uma sociedade do patriarcado (FOUCAULT, 2012). A ideia, portanto, não é articular dicotomicamente a relação realidade/ficção, mas sim pensar que “uma experiência é sempre uma ficção; é algo que nós mesmos fabricamos, que não existe antes e que não existirá depois” (FOUCAULT, 1994, p.45). Nesse sentido, a escrita desta dissertação é uma experiência, nem verdadeira, nem falsa. É antes de tudo “uma produção, uma criação, uma singularidade, um acontecimento, com seus efeitos de realidade” (PELBART, 2013, p. 45).

⁸ A palavra *Aia* está empregada com letra maiúscula no sentido de visibilizar a casta.

Neste percurso de análise e de intervenção, atento que foi em 2017 que me ative a essa aproximação entre distopia e realidade, quando comecei a assistir a série por indicação de uma amiga. Com o passar dos episódios vi que as personagens eram mais próximas de nós, do que eu poderia imaginar. Em menos de uma semana já tinha visto todos os episódios da primeira temporada, o que me causou sensações nunca sentidas, e que as palavras não seriam suficientes para descrever. O que mais me tocava era a aproximação com a realidade, mesmo sendo uma distopia futurista. Essas sensações falam de um campo de afecção, pois a arte tem como uma de suas funções criar ressonâncias no nosso modo de viver e produzir afetos. Para Deleuze e Guattari (1992), esses afetos nos remetem a um “devir” e implica em um “transformar-se”. Diante disso, ressalto que os filósofos não estão se referindo aqui a processos de identificação ou imitação, nem de adequação ou representação:

É de toda a arte que seria preciso dizer: o artista é mostrador de afectos, inventor de afectos, criador de afectos, em relação com os perceptos ou as visões que nos dá. Não é somente em sua obra que ele os cria, ele os dá para nós e nos faz transformarmos com ele, ele nos apanha no composto (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 227-228).

Nunca imaginei que uma série pudesse me causar tantas perturbações, afecções que incidiram em meu corpo, pois em todas as vezes que assisti ou reassisti, por conta da pesquisa, senti uma ânsia, emoções que me causaram até mesmo dores de cabeça, como se Gilead⁹ fosse uma realidade em potencial, principalmente diante do contexto político, econômico e religioso que estamos vivendo aqui no Brasil.

No segundo ano do mandato do atual presidente Jair Bolsonaro explode a notícia da criação de um dossiê com uma lista de nomes de servidores considerados antifascistas, além das inúmeras declarações machistas, homofóbicas e racistas. Em plena pandemia, frases como “é só uma gripezinha”, ou “e daí” se referindo ao número de mortos por Covid-19, que chegam, no momento em que finalizo esta pesquisa, a mais de 500 mil vítimas¹⁰, são muito comuns. Além disso, durante esse tempo (2020/2021), em que foi negociada insumos para a vacina, o presidente fez questão de manter péssimas relações internacionais, dificultando a vacinação da população brasileira, e, ainda, disseminando o seu discurso negacionista e anti-vacina.

⁹ A palavra “Gilead” aparece várias vezes na bíblia, em diversos contextos diferentes, um de seus significados é “balsamo que cura”.

¹⁰ Progressão geométrica das mortes evitáveis. Disponível em: <https://especiais.gazetadopovo.com.br/coronavirus/numeros/> Acessado em: 13 jun. 2021.

Nesse contexto, também vale ressaltar que a Ministra da mulher, da Família e dos Direitos Humanos Damares Regina Alves, indicada por Jair Bolsonaro, lançou um programa intitulado “Município Amigo da Família¹¹” e excluiu das imagens ilustrativas as famílias formadas por LGBTQIA+, utilizando o argumento que os números dessas famílias são poucos expressivos. Lembrando que a ministra é pastora de uma igreja evangélica, e desde que assumiu o ministério se posiciona com argumentos cristãos, respaldados na bíblia. A ministra se posicionou contra o aborto da menina de 10 anos, ignorando a situação do estupro, pois ela não costuma se posicionar ou criar políticas públicas com relação aos inúmeros casos de violência nos quais as mulheres são vítimas, diariamente. Vale lembrar que assim que assumiu o cargo declarou que “meninas usam rosa e meninos usam azul”, frase que gerou inúmeras polêmicas na época, característica peculiar do atual governo, que também é contra os estudos sobre o que eles chamam “ideologia de gênero”.

O Presidente da República e a Ministra, se reuniram recentemente para apresentar duas propostas de projetos de lei, propondo a criação do Dia Nacional de Conscientização pela Paternidade Responsável, e o Dia Nacional do Nascituro e de Conscientização sobre os Riscos do Aborto¹². Tais propostas continuam demonstrando o moralismo conservador do atual governo do Brasil.

Ao voltar-me para a série, vejo várias aproximações com o momento presente, visto que trata de uma sociedade que por conta de crises, guerras e queda drástica de natalidade sofre um golpe por um grupo de fundamentalistas. É nesse contexto que os Estados Unidos se tornam uma ditadura Cristã chamada Gilead. Uma das principais medidas tomadas pelos líderes foi dividir a população de mulheres em castas com funções extremamente definidas. As mulheres inférteis como educadoras, fiscais, empregadas. E as férteis, Aias, são retratadas como mulheres que estão à disposição das famílias ricas, que realizam rituais de estupro autorizado pelo Estado. As Cerimônias visam a concepção, e são embasadas nas escrituras sagradas.

A autora do livro no qual a série foi inspirada afirmou em uma entrevista que “O interessante deste livro é que, em qualquer país que você vá, encontrará mulheres que pensam que é sobre o país delas”. (ATWOOD, 2020):

Tenho idade suficiente para lembrar de (Adolf) Hitler, idade suficiente para lembrar de (Benito) Mussolini, de (Francisco) Franco, de (Antônio de Oliveira) Salazar e

¹¹ <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/observatorio-nacional-da-familia/programa-municipio-amigo-da-familia-1> Acesso em: 10/06/2020

¹² <https://pt.org.br/mulheres-sao-alvo-de-bolsonaro-em-projetos-populistas/> Acesso em 22/07/2021.

todas aquelas pessoas. Eu estava viva quando eles estavam vivos. Não é assustador? Tivemos outros desde então, como os militares na Argentina e (o ditador) Pol Pot no Camboja. Todos eles tiraram direitos das mulheres. Não importa como as ditaduras se autodenominam: todas elas o fazem. A mulher é algo a ser resolvido. (ATWOOD, 2020).

A escritora pontuou em sua entrevista que nos Estados Unidos, nas três últimas eleições, os Republicanos falavam sobre mulheres de maneira muito peculiar. Um dos exemplos era que temos mecanismos de impedir gravidez em caso de estupro, dentre outras coisas. Ela cita a eleição de 2016 e diz que quando a série estreou muitas pessoas pensavam que aquilo aconteceria de fato, só que talvez, sem os vestidos vermelhos e abas brancas, e quando perguntavam a Margaret sobre Offred ela respondia: “A escolha é sua!”.

Geograficamente, a República de Gilead faz fronteira com o Canadá, mas especificamente com as províncias de Ontario, Quebec e Nova Brunswick, no Leste. As forças legalistas americanas, militares, rebeldes e milícias controlam as fronteiras no Oeste. A série retrata os Estados Unidos da América com 50 estados antes da imposição de Gilead, em alguns momentos dá a entender que existem dois estados: Alasca, com Anchorage como capital, e o Havaí. O regime instaurado em Gilead é autoritário e teocrático.

O centro de treinamento das Aias se chama “Centro Vermelho”, ou “Centro de Rachel e Lia”¹³, nome relacionado às personagens bíblicas que inspiram a função das Aias. O prédio que anteriormente era uma escola passa a ser administrado pelas Tias, onde as Aias são “reeducadas” e vigiadas até mesmo a ida ao banheiro. Enquanto as Aias não estão aptas a irem para a casa dos Comandantes para terem filhos, elas residem nesse centro. As tias tem seu próprio uniforme, vestidos largos de cor marrom.

As mulheres inférteis, ou consideradas subversivas e “incontroláveis” são enviadas às Colônias, quando não são mortas. As Colônias, são uma área extensa de lixo tóxico. Algumas, por status, ou outros motivos, puderam escolher entre as Colônias e a Casa de Jezebel, que é um bordel secreto de Gilead. Outras acreditam que a prostituição é a melhor fuga de Gilead. Vale lembrar que maquiagens, drogas, bebidas, são proibidas em Gilead, mas em Jezebel, não. Lá, atendem diplomatas, estrangeiros e pessoas poderosas da República, homens.

Os Filhos de Jacó são os que idealizaram a teocracia patriarcal autoritária. São, portanto, homens e líderes com grande influência, que passaram a culpar a população pela crise de fertilidade e apresentam discursividades de “limpeza social” segundo a “vontade de

¹³ Lia e Rachel são personagens da bíblia que retratam uma história de rivalidade matrimonial, bigamia e incesto, descrita no Antigo Testamento.
<https://www.handmaidsbrasil.com/2018/05/entenda-o-nome-do-novo-centro-vermelho-que-o-comandante-fred-estava-inaugurando.html> Acesso em 11/08/2021.

deus”. Organizados em um Comitê, emitiram ordens para três ataques, que foram considerados terroristas, tudo isso com o apoio de algumas pessoas do FBI. Os Olhos de Deus, que são chamados de Olhos apenas, são a polícia secreta de Gilead, costumam transitar na cidade em uma van preta, para fazer cumprir a ordem e as leis da República.

Em Gilead, existe uma forma de execução chamada de “participation”, ou “Salvamento”. As Aias são obrigadas a fazer um círculo com uma pedra na mão e apedrejar qualquer que tenha sido condenado. Há casos que a execução deve ser feita com as próprias mãos, pode ser considerado que é um momento que as Aias têm como saída a toda a raiva sentida naquele contexto.

As execuções são chamadas de “Salvação”. Por meio delas as mulheres podem ser enforcadas, e as cordas devem ser puxadas por todas as Aias. Contudo, as mulheres não podem participar do Salvamento dos homens, que tem seus corpos pendurados no Muro. As punições vão desde “traição de gênero”, até facilitar ou ajudar uma Aia a abortar.

Há, ainda, reuniões religiosas que são chamadas de “Prayvaganzas”, onde os comandantes realizam orações, sermões e até mesmo presenteiam os Olhos – homens de confiança – com adolescentes para o casamento. Uma reunião especial é realizada também quando uma criança nasce e é apresentada no distrito. “Unbaby”, ou não bebê são crianças que nascem com deficiências físicas, que são descartadas por Gilead.

Gilead é dividida em classes sociais, ou castas sociais. Além das Aias, existem as Esposas, Comandantes, Econopessoas e as Tias. As personagens principais são June Osborne (Offred), uma mulher de trinta anos, esposa de Luke e mãe de Hannah. O Comandante Fred Waterford é um oficial do alto escalão do governo, e esteve presente desde o início do golpe que formou Gilead. Ele burla algumas regras para tentar manter uma conexão com Offred, pois sua Aia anterior se suicidou. Ele e Serena Joy Waterford, sua Esposa, foram os precursores de Gilead.

Serena, antes de Gilead, era uma mulher ativista cultural religiosa e escreveu um livro chamado “Lugar de mulher”. No que a série retrata, fora um livro sobre um tipo de feminismo doméstico. Em uma de suas palestras na faculdade, Serena foi recebida com gritos e palavrões pelas pessoas que discordam do seu livro, acaba sendo baleada no estômago e fica infértil, um dos motivos de ser uma personagem extremamente amarga. Escreveu sobre a fertilidade como um recurso nacional e reprodução como um imperativo moral. Mesmo com seus textos usados para o golpe, quando a República de Gilead se instaurou, foi proibida de palestrar, escrever e ler, assim como participar dos assuntos políticos. Sendo confinada às atividades do lar.

O conto é narrado em primeira pessoa por Offred, que antes de Gilead era chamado de June Osborn. A série mostra cenas da sua vida antes e durante o golpe de Estado. As Aias não têm o direito de escolher o que comem, vestem, nem a liberdade de ir onde querem, além de usar um uniforme vermelho com abas do lado do rosto para limitar a visão. Já no primeiro episódio, pude sentir afetos e sensações com a protagonista, pois é nítido como o silenciamento e invalidação da sua voz nos remete às situações que vivemos em nosso dia a dia, assim como os vários movimentos de micro resistências que se desenrolam no decorrer dos episódios:

... uma cadeira, uma mesa, um abajur, tem uma janela com cortinas brancas e o vidro é inquebrável, mas não é a fuga que eles temem. Uma Aia nunca chegaria longe, são os outros tipos de fuga, as que você pode abrir em si mesmo com um objeto cortante, ou com uma corda de lençóis e um lustre. Eu tento não pensar nessas fugas, é mais difícil em dias de Cerimônia, mas pensar pode prejudicar suas chances. Meu nome é Offred, eu tinha outro nome, mas agora ele é proibido, muitas coisas são proibidas agora” (Pensamento de Offred – Primeiro episódio).

June, Luck e sua filha Hannah correm desesperadamente pela floresta. Soldados armados de um exército que eles não conhecem conseguem prender June, dopá-la e levar Hannah. June fica presa com várias outras mulheres, sem entender ou imaginar o que lhe espera. É levada para um treinamento, encontra Moira, sua melhor amiga da faculdade. Aos poucos, e no decorrer dos dias de confinamento, June e Moira passam a entender o que ali se passa.

Tia Lídia: [...] conforme a natalidade caiu, eles pioraram as coisas, pílulas contraceptivas, pílulas do dia seguinte, assassinato de bebês, só para poderem ter suas orgias, seu Tinder [...] elas eram mulheres sujas, eram vagabundas, mas vocês são garotas especiais. A fertilidade é uma dádiva vinda de deus, ele deixou vocês intactas para o propósito bíblico [...] como Bilha serviu a Rachel, vocês meninas servirão aos líderes dos fiéis e as suas esposas inférteis, vocês terão filhos para elas, ahhh! Como são sortudas! Tão privilegiadas!

Janine não acredita em tudo que está ouvindo, ri. Por esse motivo leva um choque, enquanto versículos da bíblia são recitados por, é punida com a perda de um dos olhos.

Tia Lídia: Animais reprodutores não precisam de olhos.

As Aias não podem ler e nem escrever. Caso isso acontecesse seriam punidas, tendo suas mãos cortadas. Nas ruas, há vários cadáveres enforcados pendurados como se fosse um aviso para quem ousasse ir de encontro ao que os líderes políticos e religiosos ditavam para os sujeitos, segundo uma ordem baseada no medo. Vários versículos da bíblia são utilizados para

legitimar os discursos. Nas cenas que mostram o “treinamento” das Aias é possível perceber que as práticas discursivas estão voltadas para “o ritual”. As práticas mais visíveis que envolvem as mulheres nessa sociedade são voltadas para a procriação:

Offred: A lua está igual, já é alguma coisa, isso eles não mudaram... eu vou pensar na lua... eu consigo sentir o cheiro do esperma do comandante saindo de mim... eu sinto o cheiro...

Na “cerimônia”, as Aias deveriam estar “limpas, lavadas e escovadas”. O ritual sempre acontece na noite do dia fértil da Aia. Essa produção da série nos apresenta um modo de historicizar a acontecimentalização, a dimensão imagem - movimento em que o passado/presente/futuro ganham contornos e mostra como Gilead se tornou depois do golpe, um lugar de medo, de tensão e de terror, principalmente para as mulheres.

Reitero que a série é baseada no livro da canadense Margaret Atwood, com o mesmo nome *O conto da Aia*, e foi escrito em 1985, um momento de efervescência das reivindicações do movimento feminista, no início dos estudos pós estruturalistas, corrente de investigação filosófica que questiona a filosofia tradicional, o estruturalismo e as relações étnico raciais, de gênero e de sexualidade.

É nesta dimensão ética – estética – política que esta pesquisa auxilia a pensar que sou objetivada por aquilo que pretendo objetivar, assim como Paulon (2004) nos diz. Além disso, “... não visamos à mudança imediata da ação instituída, pois a mudança é consequência da produção de uma outra relação entre teoria e prática, assim como entre sujeito e objeto” (ROCHA; AGUIAR, 2003, p. 71). Segundo as autoras, a corrente da Análise Institucional Socioanalítica possibilitou à pesquisa uma “perspectiva de interrogar os múltiplos sentidos cristalizados nas instituições” (ROCHA; AGUIAR, 2003, p. 71). A ideia aqui é atuar desnaturalizando e tendo como foco a rede de poder e o jogo de interesses que a perpassam. Além disso, a presente pesquisa produz coletivamente um trabalho compartilhado. Sendo assim, diante das inúmeras questões sobre a mulher retratadas pela série, começam a emergir alguns questionamentos: Em que sentidos problematizamos a questão dos usos e abusos das mulheres na série? Como a série pode nos ajudar a fazer ver e falar a rede de opressão produzida contra as mulheres ainda hoje? O que há de disciplinarização na série? Como fazer ver e falar a sociedade do patriarcado como registro de funcionamento de Gilead? Além do visível, o que de invisível há nessas relações? Quais as rupturas e escapes das Aias no contexto de Gilead? Como foram produzidos esses corpos obedientes? Que tipo de formação política estou produzindo com essa pesquisa?

Nessa pesquisa assumo que estou dentro do processo e que pretendo desconstruir meus próprios olhares que estão naturalizados. Não poderia deixar de mencionar que a escolha deste tema sobre mulheres, está relacionada com a minha trajetória/história de vida. Logo, essa introdução é permeada pela análise de implicação da mulher pesquisadora que sou, descartando as ideias de neutralidade e de objetividade, não deixando de fora os modos de subjetivação que me atravessam. Sendo assim, a aposta é em uma escolha ética e em seu caráter processual, além de operar no plano dos acontecimentos:

O princípio norteador deste procedimento é o de que a aproximação com o campo inclui, sempre, a permanente análise do impacto que as cenas vividas/observadas têm sobre a história do pesquisador e sobre o sistema de poder que legitima o instituído, incluindo aí o próprio lugar de saber e estatuto de poder do “perito-pesquisador”. O dispositivo saber-poder identificado por Foucault (1978, 1979) oferece a ferramenta conceitual necessária para que pesquisador/interventor coloque a instituição pesquisa em análise (PAULON, 2004, p. 23).

A noção foucaultiana, dispositivo, é uma “meada”, “multilinear”, linhas ilimitadas processuais que estão sempre em relações de forças, segundo Deleuze (1996) a qualquer instante essas linhas podem ser quebradas e mudarem de direção. Gênero seria um dispositivo? “Desenredar as linhas de um dispositivo, em cada caso é construir um mapa, cartografar, percorrer terras desconhecidas, é o que ele chama de trabalho de terreno” (DELEUZE, 1996). Nessa pesquisa, a ideia é fazer ver e fazer falar sobre mulheres que permeiam os espaços sociais, tendo como ponta estética *O Conto da Aia*. De acordo com Deleuze, o dispositivo tem as linhas de visibilidade, enunciação, força, desubjetivação, brecha, fissura, fractura. Essas linhas se entrecruzam, recusam os universais e produz o novo.

Na série *O conto da Aia*, é possível perceber as linhas de visibilidade e enunciação com relação ao dispositivo da sexualidade, não só das mulheres, mas também dos seres considerados abjetos. Por entre essas linhas, há a atuação das instituições que operam na relação Saber – Poder, por vezes, linhas de força que transitam em todos os pontos do dispositivo. É importante pontuar que existe a linha de subjetivação que “é um processo, uma produção de subjetividade num dispositivo: ela está para se fazer, na medida em que o dispositivo o deixe ou o torne possível. É uma linha de fuga” (DELEUZE, 1996, p. 87). A pesquisa dá visibilidade as possibilidades de criar brechas e produzir diferenças.

A noção de rizoma (DELEUZE; GUATARRI, 2002) apontada no início da introdução, está interligada com a de dispositivo, e possui algumas características que serão aprofundadas a frente: princípios de conexão e heterogeneidade, de multiplicidade, da ruptura e de

cartografia, e princípio de decalcomania. O rizoma opera pela multiplicidade, e esse desenho rizomático tem uma aproximação com a série e com as questões das mulheres.

É importante ressaltar que a série tem uma aposta ativista, pois além de nos forçar o pensamento ela tenta romper com o processo significativo hegemônico, que domina e que controla o corpo feminino. Nestes termos, talvez seja possível dizer que a série problematiza a lógica hegemônica, do patriarcado, promovendo deslocamentos para uma dimensão que possa acontecimentalizar os estudos das mulheres.

O acontecimento é como uma irrupção de uma singularidade única e aguda, no lugar e no momento de sua produção, por esse motivo pode ser uma abertura de um campo de possibilidades. (FOUCAULT, 2008). Neste repertório acontecimental, que liga pesquisa com seus eixos de análise e de intervenção, há intercessoras que me forcem a pensar, são elas Offred (June), Guacira Lopes Louro, Tereza de Lauretis, Dona Haraway, Simone de Beauvoir, Joan Scott, Judith Butler, Silvia Federici, Margareth Atwood, dentre outras. Nesta liga acontecimental de fazer pesquisa o filósofo Michel Foucault, Deleuze e Guatarri também estão nas referências, nas análises e intervenções pelo desejo de querer dar continuidade aos estudos que iniciei no grupo de estudo quando fiz quatro períodos da graduação em Ciências Sociais.

A escolha das referências bibliográficas, no presente estudo, se fez por posicionamentos políticos e estéticos que foram se constituindo durante a trajetória de vida e para dar visibilidade, pois as histórias de todas as áreas são contadas por meio de uma ótica masculina, hétero, branca e de classe alta. Nesse sentido, os trechos cartografados e descritos no texto da dissertação, a partir da primeira temporada da série, estão em *Itálico* e as falas e pensamentos transcritos em aspas ou em recuo. Destaques que ajudam nas análises para forçar o pensamento a pensar acerca do visível e enunciável presente em *O Conto da Aia*.

A forma estética da dissertação se desenvolve em dez episódios, buscando problematizar as mulheres no meio e entre a ficção e realidade. As linhas dessa dissertação, resultam numa viagem, um trajeto, caminhos, trajetórias. (DELEUZE, 1997). “Só a expressão é que nos dá o procedimento” (DELEUZE; GUATARRI, 2003, p. 38), assim como tudo é político, essa dissertação também é política, com um valor coletivo e revolucionário. O mapa foi aberto para acompanhar o processo do pensamento, no sentido de deixar o novo surgir, pensando os elementos que entram em relação e suas multiplicidades. A realidade é um processo contínuo de produção, e o mundo é inventado nas relações, assim, como essa dissertação.

O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação (DELEUZE, 1995).

Neste mapa aberto que é esta dissertação, e junto com as intercessoras e noções conceituais, a pesquisa se organiza em 8 capítulos, e ganha um corpo por meio dos dez episódios da primeira temporada da série *The Handmaid's Tale*. Optamos por identificar os capítulos com o nome dos respectivos episódios, sendo essa introdução, o primeiro episódio (Offred), que é o nome da personagem principal da série, e a conclusão o último episódio da primeira temporada.

Ao acompanhar os episódios da série e ao reassisti-los, algumas noções conceituais foram emergindo com o decorrer da escrita desta dissertação. No primeiro capítulo/episódio, intitulado “*Birth Day – Aniversário*”, surge a noção de panoptismo, mulheres e hipótese repressiva. Em Gilead o olhar está em toda parte, e o sistema de vigilância é organizado de maneira que não se sabe de onde, quando e quem está olhando. Há toda uma produção discursiva que garanta que esses sujeitos sejam obedientes. As mulheres férteis possuem somente uma função que é a da procriação. À medida que as mulheres não podem ter relações sexuais fora da Cerimônia, há toda uma prática “escondida” para garantir que as mulheres engravidem, mesmo que não sejam dos seus Comandantes, que por vezes são estéreis.

No segundo capítulo, chamado “*Late-Atrasado*”, conversamos conceitualmente com as práticas regulatórias que conduzem as condutas, sobre os corpos que importam (BUTLER, 2019) e suas práticas performativas que são reguladas e que regulam os corpos e retomar a discussão sobre o panoptismo.

No terceiro capítulo, “*Nolite te bastardes Carborum*” aparece a noção de discurso, que se produz a partir de acontecimentos aleatórios, para fazer ver e falar sobre as mulheres.

No quarto capítulo, intitulado “*Faithful – Fiel*”, discutimos sobre a terceira série de procedimentos apontados por Foucault em *A Ordem dos Discursos*, onde o ritual é quem determina para os sujeitos quem é que fala, e ao mesmo tempo, suas próprias singularidades e seus papéis pré-estabelecidos. A doutrina opera pela aceitação das mesmas verdades e da regra, como um controle discursivo (FOUCAULT, 1996).

No quinto capítulo, que se intitula “*A Woman's Place – O Lugar de uma Mulher*”, surge a discussão sobre a opressão de mulheres para com mulheres, que mantém as lógicas doutrinárias, para pensarmos a lógica hegemônica e significativa do homem. E como o

dispositivo da sexualidade foi tomando uma outra forma a partir do ápice da crise demográfica e econômica, e com o surgimento de uma política populacional e um regime de biopoder (FEDERICI, 2017).

O sexto capítulo, “The Other Side- O outro lado”, conversamos com Foucault (2014) sobre o Sujeito e o Poder, trazendo a discussão acerca do poder e do fio solto das resistências que permeiam as microrrelações no dia a dia.

No sétimo capítulo, “Jezebels”, de maneira breve (pois há a intenção de aprofundar em estudos posteriores), adentramos a discussão sobre a noção de governamentalidade, para pensarmos como a arte de governar pode ser uma articulação entre saber e os dispositivos de segurança e a população. Daí trouxemos a noção de Olhos, que é apontada na série, para pensarmos esses mecanismos de vigilância.

O oitavo capítulo, que tem por título “The Bridge –A ponte”, traz a noção de biopolítica para pensarmos acerca do movimento do poder e compreendermos seu desenvolvimento no processo de condução da vida, e como o dispositivo da sexualidade é uma forma de controle da população (FOUCAULT, 1978).

1 BIRTH DAY (ANIVERSÁRIO)

Existe um nós, parece imaginado, como segredos na série, pessoas com histórias misteriosas e ligações sombrias, não parece como deveria ser, a verdadeira forma do mundo. Isso é uma ressaca de uma realidade extinta. Agora, os Guardiões dos Fies e os soldados americanos ainda lutam em tanques no resto de Chicago. Agora, Anchorage é a capital do que sobrou dos Estados Unidos e a bandeira que sobrevoa a cidade tem apenas duas estrelas. Agora a escuridão e segredos estão em toda parte; agora tem que existir um “nós”. Porque agora há “eles” (Pensamento de Offred, Episódio 2).

Uma das distrações de Offred é ficar sentada em seu quarto, olhando a janela, pensando, tentando se conectar com suas memórias para não se perder de si, e esquecer quem era antes de Gilead. É a forma que ela criou, de sobreviver, de ter esperança, de acreditar.

Offred faz amizade com sua parceira de compras, Ofglen. No caminho pelas ruas de Gilead as duas conversam sussurrando sobre seus passados. Offred fala sobre sua filha. Ofglen fala sobre sua carreira de professora universitária de biologia, e avisa sobre a possibilidade de ter um Olho em sua casa. Os Olhos são aqueles que tudo veem, que tudo vigiam, mas que ninguém sabe quem são.

Ofglen: Há uma maneira de ajuda-los. Você pode juntar se a nós... existe uma rede...

O sistema de Gilead foi organizado de uma maneira que as Aias não pudessem conversar entre si. Assuntos triviais sobre as compras são toleráveis, mas sobre o passado de cada uma, não. Nas ruas, os Guardiões armados e os Olhos se encarregam de vigiar e conter qualquer forma de expressão das mulheres que transitam nas ruas.

Pensar os Olhos nos remete ao panoptismo. As sociedades em tempos de pandemia por conta de pestes, no século XVII, eram extremamente policiadas e as pessoas eram obrigadas a ficar em isolamento, fechadas num sistema de vigilância e registro permanente durante a quarentena, além disso ao longo dos séculos esse modelo disciplinar vai se modificando, “a inspeção funciona constantemente. O olhar está em toda parte” (FOUCAULT, 1987, p. 219). Para Foucault, o panoptismo é um dos traços da nossa sociedade, moderna, industrial e capitalista. Portanto, a sociedade panóptica surgiu no final do século XVIII e começo do século XIX, assentada em um tríplice aspecto do panoptismo, vigilância, controle e correção por entre as relações de poder.

A vigilância é exercida sobre “o que se é” e “o que se pode fazer”, e se dá de maneira individual e contínua. Nesse sentido, o panoptismo é “movido por uma força de deslocamento” e seus mecanismos de controle da população. Em uma de suas conferências,

Foucault (2002) resgata o texto de um conselheiro de Estado chamado Treilhard, que utiliza a metáfora da pirâmide de olhares, onde o Procurador, o Procurador Geral e o Ministro da Polícia são olhos, “Olho auxiliado por uma série de olhares, dispostos em forma de pirâmides a partir do olho imperial e que vigiam toda a sociedade” (FOUCAULT, 2002, p. 7).

Hoje, vivemos uma outra forma desses dispositivos disciplinares, e em Gilead não é diferente. Foucault usa o Panóptico de Bentham para mostrar como esse tipo de arquitetura contribuiu para que os olhares fossem mais vigilantes por entre as relações de poder: “O Panóptico é uma máquina de dissociar o par ver-ser visto: no anel periférico, se é totalmente visto, sem nunca ver; na torre central, vê-se tudo, sem nunca ser visto” (FOUCAULT, 1987, p. 226). Escolas, fábricas, prisões, hospitais, dentre outras instituições foram se adequando a esse modelo de arquitetura.

Essas instituições controlam o tempo dos indivíduos, não os excluem, mas sim “ligam a um aparelho de correção, a um aparelho de normalização dos indivíduos” (FOUCAULT, 2002, p. 114). Há o controle e disciplinamento dos corpos para que se tornem força de trabalho. Punir e recompensar é um desses mecanismos, a exemplo do sistema escolar, que também é permeado de relações de poder – saber.

Na sociedade de Gilead, vemos esse controle principalmente sobre corpos de mulheres, pelos Olhos e por todos, que ninguém sabe quem são ao certo. Os atos são vigiados e controlados, desde uma simples ida às compras, aos rituais, como o parto por exemplo. A procriação é uma das poucas finalidades para mulheres consideradas férteis, e o ritual do parto, conforme os episódios, mobiliza uma série de pessoas: as Esposas, os Comandantes, as Aias, os Olhos, os seguranças, o exército. Os médicos só são necessários apenas em caso de emergência.

Ofdaniel está pronta para o parto. No ritual do Parto, a Aia deita no meio das pernas da Esposa, que simula as dores do parto *ao som do canto coletivo das outras Aias: “empurre, empurre, empurre, respire, respire, respire”*. *Um choro é ouvido, nasce uma menina linda e saudável, que imediatamente é entregue a Esposa. Ofdaniel fica inconsolável ao ver sua filha nos braços de outra. Durante o ritual Offred vê aquela cena e não contém seu desespero em lembrar do dia do seu próprio parto.*

Offred lembra que em seu parto o número de nascimentos já era pequeno, pois naquela noite só nascera sua filha. Lembra de uma mulher que entrou escondida no hospital e tentou sequestrar Hannah, pelo desejo incessante de ter um filho, mas não conseguiu e acabou sendo presa.

Em Gilead, as Aias têm suas obrigações muito bem definidas pelo sistema, a primeira delas é gerar uma criança para a família de algum Comandante importante da classe alta. O discurso biológico está muito presente no cotidiano das personagens da série. A mulher por possuir a fertilidade e os órgãos reprodutivos tem que fazer uso do seu corpo somente para procriar. Este episódio nos provoca a problematizar a questão gênero-sexo-mulher.

Por volta dos anos de 1955, os sexólogos afirmavam que o sexo era algo biológico e gênero era social. A partir da década de 1960 o conceito de gênero passou a ser estudado com um outro olhar pelos movimentos feministas.

No capítulo A emergência do gênero, Louro (2014) afirma que as palavras têm e fazem história, sendo assim o conceito de gênero está diretamente ligado com a história do movimento feminista contemporâneo, sendo, portanto, implicado linguisticamente e politicamente. As mulheres sempre estiveram tanto individualmente como coletivamente engajadas em ações contra a opressão. Quando se fala de feminismo como um movimento social organizado estamos falando do Ocidente no século XIX. Essas manifestações estão diretamente ligadas ao movimento Sufragista que lutava pelo direito ao voto que, posteriormente, foi considerado a primeira onda do feminismo.

As Sufragistas, principalmente na Inglaterra, passaram a ser conhecidas por questionarem a inferiorização da mulher com relação ao homem, as condições precárias de trabalho e por quererem uma participação na vida política. Elas foram protagonistas de inúmeras manifestações em Londres, algumas foram presas e torturadas, outras fizeram greve de fome. Uma professora ativista, Emily Davison, ficou conhecida por ser considerada radical em suas manifestações. Em um de seus protestos, se jogou na frente do cavalo do rei da Inglaterra, Jorge V, e acabou falecendo dias depois de morte cerebral. Em seu velório muitas mulheres foram às ruas, em forma de reivindicação do voto, o que deu maior visibilidade ao movimento. O primeiro país a reconhecer o voto da mulher foi a Nova Zelândia, em 1893. A Inglaterra teve a mesma conquista em 1918.

Segundo Louro (2014), na década de 1960 começou a se desdobrar a chamada segunda onda do feminismo que passa a pensar tanto questões sociais e políticas como questões teóricas. É nessa conjuntura que surge as problematizações sobre o conceito de gênero. Para ela, fazer menção ao ano de 1968 se tornou um “lugar comum”, mesmo assim vale ressaltar seu caráter de rebeldia e contestação em vários países por diferentes grupos. É nesse contexto que surge um outro tipo de movimento que além de ser contestatório se tornou também o momento em que surgiu “os estudos da mulher”. Um dos objetivos desses estudos

era tornar visível a história das mulheres como sujeito e como sujeito da ciência, das artes e das letras.

Os primeiros “estudos da mulher” eram descrições feitas por antropólogas, sociólogas, educadoras, e denunciavam as opressões ou celebravam características que eram consideradas femininas: Louro e Joan Scott foram algumas dessas. O que Guacira Louro pontua é que geralmente só se trata da questão da mulher nesse tipo de espaço, mesmo assim não devemos negar a importância desses estudos:

Seria, no entanto, um engano deixar de reconhecer a importância destes primeiros estudos. Acima de tudo, eles tiveram o mérito de transformar as até então esparsas referências às mulheres — as quais eram usualmente apresentadas como a exceção, a nota de rodapé, o desvio da regra masculina — em tema central. Fizeram mais, ainda: levantaram informações, construíram estatísticas, apontaram lacunas em registros oficiais, vieses nos livros escolares, deram voz àquelas que eram silenciosas e silenciadas, focalizaram áreas, temas e problemas que não habitavam o espaço acadêmico, falaram do cotidiano, da família, da sexualidade, do doméstico, dos sentimentos (LOURO, 2014, p. 18).

A autora pontua que esses primeiros “estudos da mulher” foram de extrema importância, pois deu início a problematização de dois pontos, a objetividade e a neutralidade. Ficou claro que esses dois aspectos estavam sendo transgredidos e que esses estudos tinham como objetivo uma mudança social. Várias teorizações (LOURO, 2014) foram formuladas, as marxistas, as da Psicanálise, as feministas radicais, dentre outras. Em tais sentidos, mesmo com suas diferenças, havia motivações em comum. Um dos objetivos em comum era desmistificar o argumento que se sustentava em bases biológicas, e que fazia com que cada papel fosse predeterminado, argumento científico utilizado para justificar a desigualdade sexual/social.

Portanto, o conceito de gênero se tornou fundamental para se contrapor a esses argumentos biológicos e para que se pudesse entender que as características sexuais têm uma representação e a noção de feminino e masculino pode variar dependendo da sociedade e de seu contexto histórico. As estudiosas passam a distinguir a palavra *gender* de *sex*, rejeitando assim o determinismo biológico e utilizando o conceito como uma “ferramenta analítica” / “ferramenta política”. É interessante pontuar que o foco não era negar o fato biológico, mas sim acentuar suas construções sociais e históricas. Sendo assim, o conceito de gênero passou a auxiliar na não generalização do homem ou da mulher, afastando toda proposição essencialista. Logo, “o conceito afirma o caráter social do feminino e do masculino, obriga

aquelas/es que o empregam a levar em consideração as distintas sociedades e os distintos momentos históricos...” (LOURO, 2014, p. 23).

A palavra gênero aparece de diferentes maneiras, uma delas é como um termo classificatório, gramatical, “classificação de sexo”, “sexo”. O termo é “uma representação não apenas no sentido de que cada palavra, cada signo, representa seu referente, seja ele um objeto, uma coisa, ou ser animado” (LAURETIS, 1987, p.10). Sendo assim, é uma representação de uma relação de pertencimento a uma categoria.

Segundo Dona Haraway (2004) a palavra “gênero”, pode ter significados médicos, zoológicos, gramaticais e literários e isso foi contestado pelos feminismos modernos. O conceito está diretamente ligado a observação de Simone de Beauvoir que afirma que não se nasce mulher, torna-se. Partindo dessa ideia, o conceito se tornou um dispositivo para desnaturalizar as diferenças sexuais, e a hierarquia entre homens e mulheres, tensionando a dimensão biológica de sexo.

A partir desse tensionamento, as narrativas identitárias foram sendo cada vez mais problematizadas, pensando o corpo não apenas como biológico, mas como uma série de construções sociais e culturais, suas multiplicidades e diferenças. Não existe um corpo universal que pode ser explicado biologicamente, “o corpo é um ‘agente’, e não um recurso”, ele não se separa das suas subjetividades (HARAWAY, 1995, p.39).

Em 1985, Haraway foi convidada por um grupo editorial para escrever sobre o verbete sexo/gênero. Historicamente essa palavra teve e tem vários significados, em diversos idiomas: Gender (inglês), Geschlecht (alemão), Genre (francês), Género (espanhol). A intenção da escrita desse verbete estava voltada para a ideia inicial de dar visibilidade às mulheres, na história, na linguagem e na política. Uma questão percebida pela autora diz respeito ao fato de que a palavra tinha significados específicos dependendo do contexto geográfico. Sendo assim, levando em consideração os significados modernos da palavra gênero, a autora afirma que esse conceito foi desenvolvido “para contestar a naturalização da diferença sexual em múltiplas arenas de luta” (HARAWAY, 2004, p. 211). Para ela, o conceito auxilia na desconstrução dos sistemas de diferença sexual que acaba hierarquizando a relação homem/mulher.

Joan Scott afirma que a tentativa de codificação dos sentidos das palavras é uma luta perdida, pois as palavras, ideias, e coisas têm uma história. Em 1879, o Dicionário da Língua Francesa propunha a palavra gênero no seguinte contexto: “Não se sabe qual é o seu gênero, se é macho ou fêmea, fala-se de um homem muito retraído, cujos sentimentos são

desconhecidos”. Ressalte-se que no início dos estudos feministas, gênero, era utilizado para referir-se à organização social da relação entre os sexos, indicando uma rejeição aos determinismos biológicos na palavra “sexo” e “diferença sexual”. O uso da gramática, nesse sentido, “implica em regras que decorrem da designação do masculino ou feminino” (SCOTT, 1990, p.1). Afinal, já haviam estudiosas, como Julia Kristeva, Simone de Beauvoir, Betty Friedan, Michelle Perrot, dentre outras, que se preocupavam com a mulher como centro nessas análises, propondo um estudo mais aprofundado do simbolismo sexual e dos gêneros em várias sociedades e em contextos históricos diferentes.

Segundo Butler (2017), em seu livro *Problemas de gênero: Feminismos e subversão da identidade*, a teoria feminista presume uma identidade definida e fixa: “mulheres”. A autora tensiona a ideia de representação, colocando em questão o processo político que busca dar visibilidade às mulheres como sujeito político, mas que em contrapartida tem uma função normativa distorcendo o que se entende como “mulher”. Num primeiro momento, o desenvolvimento de uma linguagem que representasse as mulheres foi necessário, até mesmo pela sua invisibilização no processo histórico dentre outros fatores. No entanto, isso passou a ser questionado dentro do próprio movimento feminista, pois o “sujeito das mulheres não é mais compreendido em termos estáveis ou permanentes” (BUTLER, 2017 p.18). Uma das suas críticas se baseia em afirmar que a identidade não é algo que tenha começo, meio e fim, ou seja, determinista, mas sim é um processo contínuo que leva em consideração como o sujeito se constitui no mundo.

Em seu primeiro capítulo, parte da teorização de Foucault, sobre a produção de sujeitos obedientes pelos sistemas jurídicos, que aparentemente proíbe, protege, mas que é “a formação jurídica da linguagem e da política que representa as mulheres como ‘sujeito’ do feminismo é em si mesma uma formação discursiva e efeito de uma dada versão da política representacional” (BUTLER, 2017, p. 19). Ou seja, o próprio poder jurídico produz o sujeito que é constituído discursivamente, portanto, segue uma lógica de exclusão, o que é problemático para o feminismo:

Não basta inquirir como as mulheres podem se fazer representar mais plenamente na linguagem e na política. A crítica feminista também deve compreender como a categoria das “mulheres”, o sujeito do feminismo, é produzida e reprimida pelas mesmas estruturas de poder por intermédio das quais se busca a emancipação. Certamente a questão das mulheres como sujeito do feminismo suscita a possibilidade de não haver um sujeito que se situe “perante” a lei, à espera de representação na lei ou pela lei (BUTLER, 2017, p. 20).

Butler (2017) considera alguns conceitos “cristalizados”, como homem/mulher, feminino/masculino, e afirma que há uma binariedade latente presente nos sujeitos legitimando uma sociedade falocêntrica e uma heterossexualidade compulsória. Para Butler (2017), a categorização de uma identidade perpassa as relações de poder por meio de uma linguagem e assume um caráter político. Na sociedade brasileira, só se é “alguém” a partir do momento que há uma identificação do sexo biológico, facilitando a inclusão do sujeito no ordenamento jurídico vigente. Ela aponta como seres “abjetos” aqueles que são marginalizados e que tem dificuldades de se inserção.

Nas ruas da cidade que as Aias fazem o caminho para irem às compras, são expostos pendurados vários cadáveres de pessoas que foram mortas enforcadas... as cores das roupas são a identificação do motivo de suas penas...

Offred: Um padre, um médico, um gay.

Em Gilead os corpos abjetos são aqueles que ousam questionar ou fugir das leis impostas, as mulheres inférteis que são consideradas sujas... as lésbicas que são consideradas as não - mulheres e levadas para as Colônias...

Um dos apontamentos levantados pela autora acerca da teorização de Foucault é que são as práticas para dar a ver e falar as dimensões de saber-poder-sujeito que configuram os discursos jurídicos, os modos de fazer, as práticas de sujeição “limitação, proibição, regulamentação, controle e mesmo “proteção”” (BUTLER, 2017, p. 19). Esta mesma autora destaca a dimensão discursiva de um sistema político que opera pela sujeição e produz um efeito de exclusão e representação.

Um dos problemas advindos do feminismo, segundo a Butler, é a ideia de universalização do patriarcado, sendo que a mesma não explica “os mecanismos da opressão de gênero nos contextos culturais concretos em que ela existe” (BUTLER, 2017. p. 21). Mulher, ou mulheres, se tornaram termos “problemáticos”, que “causam ansiedade” e “exaustão”.

A noção de gênero deve ser pensada “com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas”, ou seja, politicamente e culturalmente (BUTLER, 2017, p. 21), o que nos ajuda a pensar sobre as relações da raça e do gênero, além de classe e sexualidade, e sobre as experiências em um nível de multiplicidades que desmistifica a hierarquia das categorias e das formas de opressão.

A filósofa nos faz pensar que o termo “mulheres” se tornou problemático, no sentido de que não há uma base universal para o feminismo, e não há um patriarcado universal. A

noção de universalidade do “feminino” é criticada por estar desvinculada das discussões de classe, raça, etnia e também das relações de poder, imbricadas nesse processo. A autora sugere em seu livro que a própria noção de gênero e identidade sejam contestadas. A própria noção de “mulheres”, segundo ela, deve ser tensionada e questionada. Sendo assim, o conceito de gênero é construído socialmente, e é independente do sexo, visto que se trata de um conjunto de práticas e marcadores culturais, econômicos, políticos e religiosos entre os sujeitos:

A noção binária de masculino/feminino constitui não só a estrutura exclusiva em que essa especificidade pode ser reconhecida, mas de todo modo a “especificidade” do feminino é mais uma vez totalmente descontextualizada, analítica e politicamente separada da constituição de classe, raça, etnia e outros eixos de relações de poder, os quais tanto constituem a “identidade” como tornam equívoca a noção singular de identidade (BUTLER, 2017, p.22).

A partir dessas críticas, os feminismos passaram a operar tensionando a ideia da existência de mulheres não universais. Para Hooks (2015, p. 193), o feminismo dos Estados Unidos não incluiu mulheres negras, não brancas, brancas pobres invisibilizadas. O movimento inicial deu visibilidade apenas a mulheres brancas, classe média e geralmente com formação universitária. A autora chama a atenção sobre a opressão de mulheres para com as próprias mulheres. Segundo Hooks os problemas das mulheres brancas eram reais, mas não eram os mais urgentes, tendo em vista que o Estado é racista, sexista e capitalista. “O sexismo, como sistema de dominação, é institucionalizado, mas nunca determinou de forma absoluta o destino de todas as mulheres nesta sociedade”, (HOOKS, 2015, p. 197), e no sistema capitalista o sexismo atua de maneiras diferentes e em variadas esferas.

Questões que nos forcem a pensar a sociedade de Gilead e suas características, marcada por práticas discursivas machistas, sexistas e embasadas em versículos da bíblia. As leis também fazem parte dos mecanismos e dispositivos que garantem que a sexualidade das pessoas seja controlada para resolver os problemas decorrentes da queda de natalidade:

[...] quando Rachel percebeu que não daria filhos a Jacó, teve inveja de sua irmã e disse a Jacó: da - me filhos se não eu morro [...]
 [...] conforme a natalidade caiu, eles pioraram as coisas, pílulas contraceptivas, pílulas do dia seguinte, assassinato de bebês, só para poder ter suas orgias, seu tinder [...]
 [...] elas eram mulheres sujas, eram vagabundas, mas vocês são garotas especiais. A fertilidade é uma dádiva vinda de deus, ele deixou vocês intactas para o propósito bíblico [...]
 [...] vocês meninas servirão aos líderes dos fiéis e as suas esposas inférteis, vocês terão filhos para elas, ahhh! Como são sortudas! Tão privilegiadas [...] (Tia Lúcia no treinamento das Aias - Episódio 1).

As passagens da bíblia são frequentemente utilizadas na Cerimônia, pois a questão religiosa e fundamentalista é muito presente na série, além de ser uma questão para se pensar o presente brasileiro. Vivemos uma conjuntura onde os governantes do país têm como máxima “O Brasil acima de tudo. Deus acima de todos”, e toda prática governamental se justifica por essa ideia fundamentalista. O atual presidente, antes de assumir o cargo, se mostrava contra os movimentos feministas, lgbtqia +, sempre defendendo o ideal de uma família tradicional brasileira.

Em a História da Sexualidade I, Foucault tensiona se realmente houve uma repressão do sexo, fazendo menção ao século XVII onde as pessoas falavam livremente e não havia segredos entre as pessoas, tanto adultos, como crianças. Com o passar do tempo, o modelo de família conjugal foi mudando, as leis voltaram-se para tentar garantir a procriação. O sexo passa a ser algo privado, apenas do casal, em seu quarto. Segundo Foucault (1988) os corpos foram escondidos e os discursos “limpos”, só restaram os silêncios: “Assim marcharia, com sua lógica capenga, a hipocrisia de nossas sociedades burguesas. Porém, forçada a algumas concessões” (FOUCAULT, 1988, p. 10). Essa “repressão” só é sustentada pelo discurso, pois segundo o autor é um discurso fácil de ser sustentado. O autor problematiza várias questões ao que ele se refere como “hipótese repressiva”. Ele faz uma crítica a essa hipótese, pois os elementos repressivos tiveram como função a produção da verdade discursiva, que consiste em um mecanismo de poder. O que houve não foi uma repressão, mas sim uma incitação aos discursos sexuais, em busca do controle dos corpos.

O filósofo, Foucault (1988) acentua que nos três últimos séculos houve uma verdadeira explosão discursiva sobre o sexo, ou seja, houve um controle das enunciações, como por exemplo a discricção entre pais e filhos, alunos e professores, patrões e serviçais. Mesmo assim, os discursos específicos sobre o sexo no campo do exercício de poder não pararam de se proliferar: “ incitação institucional a falar do sexo e a falar dele cada vez mais; obstinação das instâncias do poder a ouvir falar e a fazê-lo falar ele próprio sob a forma da articulação explícita e do detalhe infinitamente acumulado” (FOUCAULT, 1988, p. 22). Um dos exemplos de regulação do sujeito e de discursos que intensificaram a sexualidade é a Confissão. Após o Concílio de Trento, a Igreja Católica exigia uma “confissão completa”, onde os sujeitos deveriam mencionar as posições sexuais, atitudes, gestos, momentos dos orgasmos. O ritmo dessas confissões foi aumentado pela Contra Reforma para tentar impor “regras meticulosas de exame de si mesmo”.

Como dito anteriormente, nos últimos três séculos houve uma explosão discursiva sobre o sexo, como um novo vocabulário autorizado, em virtude disso, metáforas foram criadas para se falar sobre o assunto, surge nesse contexto uma “polícia dos enunciados”. No campo discursivo, houve uma proliferação no “campo do exercício do poder”, uma economia da língua, da palavra. O aumento da confissão das práticas, do desejo, onde tudo deveria ser dito, mas, com decência, “moralmente aceitável e tecnicamente útil” (FOUCAULT, 1988, p. 24).

As práticas de dizer de si e de outrem deveriam ser exercitadas, com a ressalva que isso se aplicava na maioria das vezes a elite e não a massa populacional. A confissão não era meramente algo que visava apenas a interdição, mas sim a construção de um discurso, fato que refletiu na literatura da época que estava baseada no detalhamento do sexo. Longe de haver uma censura, o que havia era uma “aparelhagem para produzir discursos sobre o sexo” (FOUCAULT, 1988, p. 26).

Por entre os mecanismos de poder, o sexo deveria ser falado, publicamente: “cumpre falar do sexo como de uma coisa que não se deve simplesmente condenar ou tolerar, mas gerir, inserir em sistemas de utilidade, regular para o bem de todos, fazer funcionar segundo um padrão ótimo. O sexo não se julga apenas, administra-se” (FOUCAULT, 1988, p. 27).

Outro ponto importante diz respeito às novas técnicas racionais que tornaram o sexo “útil”. No século XVIII, surgem pesquisas quantitativas que falam do sexo em forma de classificação e especificação, além disso surge uma correlação com a política e com a economia. Naquele momento o sexo não estava associado somente a moralidade, mas também a racionalidade vigente, e deveria ser falado dele em termos de utilidade, de regulação e padronização, o sexo se tornou “questão de polícia”: “Polícia do sexo: isto é, necessidade de regular o sexo por meio de discursos úteis e públicos e não pelo rigor de uma proibição” (FOUCAULT, 1988, p. 28).

O aumento da população foi uma novidade nas técnicas de poder e o Estado passa a ter que lidar com novas variáveis (natalidade, morbidade, esperança de vida, fecundidade, estado de saúde, incidência das doenças, forma de alimentação e de habitat). O sexo passou a ser analisado de uma outra forma, por exemplo, levando em consideração a taxa de natalidade, taxa de nascimento, idade de casamento, dentre outros. Havia uma associação de crescimento da natalidade à riqueza, ou seja, o sexo precisava ser controlado, principalmente no que se refere às crianças. As instituições pedagógicas tiveram um papel importante no que

se refere a concentração das formas de discursos: “estabeleceu pontos de implantação diferentes; codificou os conteúdos e qualificou os locutores” (FOUCAULT, 1988, p. 31).

O “policimento” sobre o sexo não era no sentido de reprimir, mas sim, de regulação por meios discursivos, isso significa dizer que não se fala menos sobre sexo, mas mudam os interlocutores autorizados a falar. Palavras e silêncios fazem parte desse discurso. As escolas do século XVIII passaram por modificações em suas organizações, com isso, os espaços proporcionavam uma maior vigilância aos corpos e às sexualidades das crianças e dos adolescentes, uma “literatura dos preceitos” é criada. Os médicos se tornam autorizados a intervir de maneira mais direta tanto nas escolas, como nas próprias famílias. O cotidiano sexualizado dos sujeitos passou a ser policiado, “mas, tratava-se, sem dúvida, de uma das condições para que as instituições de saber e poder pudessem encobrir esse pequeno teatro do dia-a-dia com seu discurso solene” (FOUCAULT, 1988, p. 33).

Outras instituições que suscitaram o discurso do sexo nos séculos XVIII e XIX foram a medicina, a biologia, a psicologia, a moral, a psiquiatria, a educação e a justiça penal, legitimando os estudos das perversões sexuais no sentido médico e jurídico, e investigando tudo que pudesse ser considerado “degenerescência”. O sexo tornara-se algo que deveria ser exaustivamente falado:

O segredo do sexo não é, sem dúvida, a realidade fundamental em relação à qual se dispõem todas as incitações a falar de sexo — quer tentem quebrá-lo quer o reproduzam de forma obscura, pela própria maneira de falar. Trata-se, ao contrário, de um tema que faz parte da própria mecânica dessas incitações: maneira de dar forma à exigência de falar, fábula indispensável à economia infinitamente proliferante do discurso sobre o sexo. O que é próprio das sociedades modernas não é o terem condenado o sexo a permanecer na obscuridade, mas sim o terem-se devotado a falar dele sempre, valorizando-o como o segredo (FOUCAULT, 1988, p. 36).

O que percebemos é que houve uma incitação das discursividades sobre o sexo, e não uma repressão. Criou-se uma forma metafórica de falar, com um vocabulário autorizado, como efeito dos funcionamentos das sociedades disciplinares, com suas instituições reguladoras para o controle das populações. As interdições, vigilâncias, na verdade se tornaram dispositivos dessa produção de verdade sobre o sexo.

Outra questão levantada por Foucault é que os séculos XIX e XX foram de implantações de perversões sexuais e deram início à norma da monogamia heterossexual, ficando os discursos nos “dissidentes”, fazendo emergir sexualidades “úteis” e conservadoras. O homossexual, por exemplo, se torna uma espécie. Os tribunais tinham o poder de condenar

tanto a homossexualidade como a infidelidade no casamento ou até mesmo o casamento sem o consentimento dos pais. Para garantir que todas as práticas sexuais fossem controladas, patologizadas, foram instalados vários dispositivos de vigilância: a demografia, o controle de natalidade, a interdição do sexo das crianças, dentre outros. Para o autor, a interdição era só um dos dispositivos, pois na verdade ao invés de repressão houve uma grande incitação à discursividade do sexo. Além disso, o dispositivo da sexualidade criou um poder-saber sobre o sujeito, ou seja, uma produção da sexualidade.

O aparente objetivo das instituições médicas, psiquiátricas, pedagógicas e familiares era interditar. Só que na verdade o que fizeram foi criar um mecanismo de dupla incitação, prazer e poder. Atrelado a implantação dessa vigilância se dá a “perversão”, e nessas relações de poderes surgem os rótulos. Para Foucault (1988), prazer e poder não se anulam, mas estão entrelaçados pelos mecanismos de “excitação e incitação”.

No decorrer desse processo, muitos dos discursos médicos, considerados como “verdade” levaram às práticas eugenistas e racistas, tendo em vista uma “limpeza” dos degenerados. Algo próximo do que sentimos na série, pois, Gilead nos mostra, em seus rituais de limpeza social, que as pessoas consideradas inadequadas são punidas severamente, por vezes, até mesmo com a morte.

Inesperadamente as Aias foram convocadas. Em Gilead quando o sino toca três vezes é o sinal da convocação. Enquanto todas se reuniam em uma praça, Tia Lídia tomou a palavra para si. Logo em seguida veio sendo arrastado um prisioneiro. Um prisioneiro que tinha sido condenado à morte...

Tia Lídia: Este homem foi condenado por estupro, e como sabem a pena para o estupro é a morte, essa criatura não nos deixa outra escolha..., mas isso não foi o pior... este homem estuprou uma Aia, e ela estava grávida e o bebê morreu...

Após o discurso, Tia Lídia fez o sinal para que as Aias o apedrassem.

No trecho descrito acima, pudemos perceber que dentre os crimes que o acusado cometeu, o que foi considerado pior pelos líderes foi o fato de ter morrido um bebê, que é considerado tão importante nesse contexto. Gilead vive desde o início de sua constituição, a escuridão, e seus segredos. Os segredos, os silêncios e os excessos de fala estão em toda parte. Não há uma repressão sobre o sexo, como aparentemente percebemos no início dos episódios, mas sim uma mecânica de incitações, uma discursividade proliferada, uma economia da procriação.

Os pensamentos de Offred que fazem parte dos episódios da série soam como uma caixa de ressonância, “agora tem que existir um nós, porque agora há eles”, e nos levam a pensar sobre as políticas de identidade que permeiam esses segredos, silêncios e falas, como uma prática de governo e condução da conduta, das relações de dominação, exclusão e poder.

2 LATE (ATRASADO)

Offred: Rita me contou partes da história. As Marthas têm suas próprias redes. Tinha uma van preta. Depois, passos pela escada. E depois, algo rápido e brutal, que a deixou impossibilitada de gritar. Não haveria piedade para um membro da Resistência. Ela não deixou nada para trás. Nem pegadas. Nem migalhas. Eu nem sabia o nome dela. Ofglen se foi.

Quando Offred sai pelo portão para ir novamente às compras, se depara com outra Aia, e não mais com Ofglen. Em seguida passa uma van preta pela rua... Ofglen é acusada de ter tido um relacionamento com uma Martha e segundo a lei de Gilead, isso caracteriza Traição de Gênero. Ofglen foi presa e condenada a Redenção.

Juiz: E você Aia 8967, sua existência é uma abominação. Justiça mesmo seria enviá-la a uma eternidade de sofrimento. Mas deus julgou oportuno torná-la fértil, e por isso temos uma obrigação, Aia 8967 ... está condenada a Redenção. As sentenças devem ser cumpridas imediatamente.

A ré foi acusada de violar a lei, lei essa com base em Romanos capítulo I e versículo 26, e a Martha foi condenada a Misericórdia do Estado, ou seja, ao enforcamento...

Por causa disso Deus os entregou a paixões vergonhosas. Até suas mulheres trocaram suas relações sexuais naturais por outras, contrárias a natureza. Da mesma forma, os homens também abandonaram as relações naturais com as mulheres e se inflamaram de paixões uns pelos outros. Começaram a cometer atos indecentes, homens com homens, e receberam em si mesmos o castigo merecido por sua perversão (Rm 1, 26-27).

Em Gilead, o ato sexual só é permitido se tiver como fim a procriação. Qualquer tipo de relação sexual que fuja disso é passível de punição. Butler (2019), em seu livro “Corpos que importam: Os limites discursivos do sexo”, nos faz pensar que a diferença sexual é marcada por práticas discursivas, que a categoria sexo é normativa, regulatória e produz os corpos, sendo assim:

... “sexo” não só funciona como norma, mas também é parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa, ou seja, cuja força regulatória é evidenciada como um tipo de poder produtivo, um poder de produzir –demarcar, circular, diferenciar – os corpos que controla. Assim, “sexo” é um ideal regulatório cuja materialização se impõe e se realiza (ou fracassa em se realizar) por meio de certas práticas altamente reguladas (BUTLER, 2019, p. 15-16, grifos da autora).

O sexo não é algo estático no corpo, mas sim um processo que envolve normas que são materializadas. Para a autora, por mais que estes corpos sejam regulados e normalizados, nem sempre o são em sua totalidade. Ou seja, não há um conformismo pleno, há uma possibilidade de “rematerialização” e “rearticulações”. Um conceito importante dentro de sua obra é o de performatividade de gênero, que não é um ato singular, mas sim práticas que estão relacionadas com os discursos produzidos, e com as normas regulatórias que tem a performativa. Daí a constituição da materialidade dos corpos, do sexo no corpo e da diferença sexual com os seus efeitos de poder.

A categoria sexo é normativa e regulatória, produz os corpos que são governados, controlados, e tem suas condutas conduzidas. Butler (2019) nos faz pensar na noção de performatividade, que segundo ela não é um ato singular, individual, mas sim “uma prática reiterativa e citacional por meio da qual o discurso produz os efeitos daquilo que nomeia” (BUTLER, 2019, p. 16). Produzimos uma série de comportamentos, como agir, falar, andar, algo que inicialmente consideramos uma verdade sobre nós, quando na verdade são fenômenos que são produzidos e reproduzidos o tempo todo. Ninguém pertence a um gênero desde sempre.

Essa noção de performatividade de gênero (BUTLER, 2019) produz uma série de efeitos que são reproduzidos o tempo todo. Essa produção e reprodução está presente tanto em poderes institucionais como em práticas informais, como exemplo podemos citar garotos considerados femininos, ou garotas masculinas, que sofrem ameaças, violências, ou são direcionados à Psiquiatria que “trata” os corpos, ou sofrem bullying, ou os dois, ambos tentam colocar os sujeitos em lugares ditos ideais e normais. Essas normas se estabelecem e são policiadas o tempo todo. O que está sendo problematizado é que ninguém pertence a um gênero *a priori*, mas sim que se estabelece e é policiado entre as relações de poder - saber.

Não podemos pensar o gênero apenas como uma questão cultural que é imposta de cima para baixo, mas pensar em um movimento das relações de poder envolvidas nesse processo. Atrelado a isso temos a categoria sexo, que torna os corpos viáveis, qualificados e inteligíveis em um corpus de saber: “é aquilo que qualifica um corpo para a vida no interior do domínio da inteligibilidade cultural” (BUTLER, 2019, p. 17). Uma das questões pontuadas pela autora é o imperativo heterossexual, que é uma matriz excludente, e que impede ou nega outras identificações, e além disso produz os seres abjetos, ou seja, “os que não são sujeitos”, como Ofglen por exemplo.

Ofglen foi descoberta pela vigilância de Gilead. Tinha um romance com uma Marta, e ambas foram pegas. Tentou fugir, mas não conseguiu. Assim, foi levada à juízo pelo seu delito de ficar com outra mulher.

Após o julgamento, Ofglen é levada por dois seguranças. Depois de um tempo acorda em uma sala toda branca, vestida de branco, e depois de se auto observar percebe que tem um curativo entre suas pernas, nas suas partes íntimas... quando percebe o ocorrido se desespera e chora....

Tia Lídia: os pontos cairão em poucos dias. Sei que é um choque para você Emily. Ainda pode ter filhos. É claro. Mas as coisas serão mais fáceis para você agora. Não vai querer o que não pode ter. Bendito seja o fruto, querida.

Em entrevista, Margareth Atwood (2020) afirma que tudo o que escreveu em *O Conto da Aia* já aconteceu em algum lugar, em algum contexto histórico. Essa cena nos remete a mutilação genital de mulheres que ainda acontece em inúmeros países, por vezes realizados em crianças e adolescentes e com menor frequência em mulheres adultas. Além de perda da sensibilidade, essas mutilações são mal cicatrizadas e podem causar sérias infecções e até mesmo hemorragias. São práticas de subalternização da mulher, discriminatórias e opressivas.

Segundo reportagem do site *Carta Capital* (2020), a estimativa era de que quatro milhões de meninas passariam por mutilação sexual, dados estimados pela UNICEF. O dia 6 de fevereiro é o Dia Internacional da Tolerância Zero para a Mutilação Genital Feminina, dia em que esse tipo de prática é problematizada. Essa prática ainda é realizada em países como: Camarões, Etiópia, Nigéria, Quênia e mais 27 nações.

A regulação e normalização da sexualidade em Gilead perpassa todas essas questões apontadas por Butler (2019) ao tratar dos seres abjetos. Segundo ela, são zonas inóspitas e inabitáveis que causam a exclusão, pois são ameaçadoras. Nesse sentido, há uma regulação de práticas identificatórias que tentam obrigar todos os sujeitos a se reconhecerem dentro de um sexo, e de um gênero. Questionar essa legitimidade e a inteligibilidade nos coloca num âmbito de luta e resistência. Vale ressaltar que essas categorias que são legítimas estão, também, dentro de um objetivo político, por esse motivo reforçar a desidentificação se torna importante. Sendo assim:

De fato. Talvez seja exatamente por meio de práticas que reforçam a desidentificação para com essas normas regulatórias - mediante as quais a diferença sexual é materializada - que tanto a política feminista como a política queer estão mobilizadas. Tais desidentificações coletivas podem facilitar a reconceitualização de quais corpos importam [matter] e que corpos ainda estão por emergir como matéria crítica de interesse (BUTLER, 2019, p. 19).

Ao acompanhar os episódios da série *O Conto da Aia*, vemos que a sociedade de Gilead tem seus corpos que importam, e que são administrados pelo governo, pela condução da conduta, corpos esses que se apresentam hierarquicamente, como os Comandantes, com o status social elevado. Uma série de efeitos são produzidos e reproduzidos nas relações de poder-saber em Gilead, que a partir de uma matriz heterossexual excludente, impede, ou tenta impedir a existências de corpos considerados abjetos.

Esse conjunto de normas que regulam os corpos em Gilead, está também amparado pelo sistema judiciário e penal, que foi reformulado após o golpe dado pelos Guardiões dos Fiéis. Foucault (2002) sugere que no final do século XVIII e começo do XIX, esses sistemas foram reformulados na Europa e no mundo. Vários fatores podem levar a tais reformulações, questões morais, religiosas, políticas, dentre outras. Em uma de suas conferências, Foucault (2002) explicita uma de suas pesquisas, e aborda o que ele chama de sociedade disciplinar, apontando para a noção de infração penal, para quatro tipos de punições que surgiram naquela época e também para o surgimento da prisão. Expõem como no panoptismo há o deslocamento do saber “inquerito” para o saber “exame”, que consiste na vigilância constante, na constituição da norma e ordenamento do que é norma. O autor aponta também para a articulação entre vários espaços disciplinares, como indústrias, escolas e hospitais psiquiátricos. Além disso, problematiza como essas práticas estão destinadas a extrair a totalidade do tempo dos indivíduos, a fim de controlar seus corpos.

Um dos princípios apontados por alguns teóricos e legisladores é que o crime “é algo que danifica a sociedade; é um dano social, uma perturbação, um incômodo para toda a sociedade” (FOUCAULT, 2002, p. 81). Além disso, vários teóricos pontuavam que o crime era um rompimento com o pacto social, logo a punição deveria ser a deportação. Outros, afirmavam que a punição deveria ser pública e humilhante. Outros, porém, que o trabalho forçado seria um tipo de reparação; “pena de talião”, que o criminoso deveria sofrer algo semelhante. Todos esses projetos desapareceram rapidamente, somente um que não foi tão propagado permaneceu: a prisão, que surge no começo do século XIX. A prisão se desvia da noção de “utilidade social”. Sendo assim, a sua lógica nesse contexto passa a ser um “controle”.

As punições penais não poderiam ser feitas pela própria justiça, mas por “poderes laterais”: “a polícia para a vigilância, as instituições psicológicas, psiquiátricas, criminológicas, médicas, pedagógicas para a correção” (FOUCAULT, 2002, p. 86), com o objetivo de “corrigir suas virtualidades”. Para Foucault, Bentham apresentou, com o

panóptico, uma forma de arquitetura que permitiria um tipo de poder que contemplaria todas as instituições, e essa utopia acabou se tornando o modelo de funcionamento que vivemos hoje.

Na sociedade disciplinar o inquérito deixa de ser hegemônico, e a vigilância, exame é exercida por alguém que detenha o poder, e um saber. Um saber em torno da norma, do que é normal ou não, saber-poder que deu origem às Ciências Humanas: Psiquiatria, Psicologia, Sociologia. Ressalte-se que na Inglaterra e na França foram criados uma série de mecanismos de controle da população, do comportamento etc.

Esse contexto perpassava uma importante transformação econômica, “uma nova forma de acumulação de riqueza”, “quando a riqueza começa a se acumular em forma de estoque, de mercadoria armazenada, de máquinas, torna-se necessário guardar, vigiar e garantir sua segurança” (FOUCAULT, 2002, p. 92). Grandes revoltas urbanas populares surgiram, diferente das revoltas populares camponesas dos séculos anteriores.

Nesse contexto houve também um deslocamento das instâncias de controle das mãos dos grupos de pequena burguesia, da moralidade à penalidade, ou seja, o controle moral passou a ser exercido pelas classes mais altas: “infelizmente os pobres escapam às leis, o que é realmente detestável” (FOUCAULT, 2002, p. 94). Sendo assim, com a nova distribuição espacial e social da riqueza industrial e agrícola, no fim do século XVIII precisou-se de novas formas de controle social (FOUCAULT, 2002, p. 102).

Na sociedade de Gilead, podemos perceber alguns dos seus pilares: vigilância, controle e correção, talvez não tanto na forma literalmente panóptica, mas sim em outras formas que perpassam as relações de poder. Pois o que vemos em Gilead é que logo após o golpe as leis foram mudadas, começando pela proibição das mulheres de trabalharem, além de suas contas bancárias terem sido confiscadas e todo o dinheiro passado para a conta do marido, ou para o homem mais próximo da família.

June tenta usar o seu cartão do banco e não consegue, acha estranho e tenta entrar em contato pelo telefone para entender o porquê do bloqueio. Enfrenta uma fila no atendimento que a impede de falar com o atendente. Homens fortemente armados entram no prédio em que trabalha e a mesma é chamada para uma reunião.

Roger (chefe de June): pessoal! Senhoras e senhores, gostaria da atenção de todos por favor, garotas, todos sabem que sinto muito sobre isso. Não é decisão minha, não tenho escolha. Tenho que dispensá-las. Tenho que dispensar todas vocês. Não podem mais

trabalhar aqui, é a lei agora, não tenho escolha... me deram dez minutos. Por favor apenas empacotem suas coisas.

June tenta alguma explicação de Roger, mas sem sucesso.

Em várias cenas da série são mostrados momentos de acontecimentalização que historicizam o golpe. Uma sequência de fatos vai acontecendo gradativamente no dia a dia até a instauração do novo regime. Ao mesmo tempo, uma onda de discursos fundamentalistas e moralistas levam as mulheres a perderem seus empregos, suas contas são bloqueadas e somente o marido passa a ter acesso ao dinheiro. Além disso, as propriedades também são confiscadas. Muitas pessoas começam a ir às ruas para protestarem contra as novas leis, mas o exército inibe com truculência, tiros e muita violência. Outras associaram esses momentos ao terrorismo e nem se deram conta do projeto de legitimação do golpe:

[...] agora eu estou acordada para o mundo. Eu estava dormindo antes. Foi assim que deixamos acontecer. Quando aniquilaram o Congresso, não acordamos. Quando culparam terroristas e suspenderam a Constituição, também não acordamos. Disseram que seria temporário, nada muda instantaneamente você seria fervido em uma banheira de aquecimento gradual antes que percebesse [...] (OFFRED – Temporada 1 - Episódio 3).

Após a efetivação do golpe em Gilead, as punições tomaram outras formas, tanto em infrações pequenas, como em mais graves. Quaisquer atitudes que remetiam a questionamentos quanto ao gênero e à sexualidade são punidas em Gilead, em vários níveis, podendo chegar à morte. A punição também tem uma história e Foucault, em seu clássico livro “Vigiar e Punir”, historiciza os suplícios, como os corpos dos condenados eram torturados publicamente em forma de espetáculo e ao longo do tempo as punições tomaram outras formas. Segundo ele, a disciplina utiliza várias técnicas, e organiza táticas: “arte de construir, com os corpos localizados, atividades codificadas e as aptidões formadas, aparelhos em que o produto das diferentes forças se encontra majorado por sua combinação calculada” (FOUCAULT, 1987, p. 192). Sendo assim, a polícia se tornou um instrumento, que comparado ao exército, está para disciplinar e “docilizar” corpos, a partir de técnicas disciplinares, coerção individual e coletiva dos corpos.

O poder disciplinar tem a função de adestrar os corpos para dele se apropriar: “Adestra” as multidões confusas, móveis, inúteis de corpos e forças para uma multiplicidade de elementos individuais” (FOUCAULT, 1987, p.195). A disciplina além de adestrar, fabrica de maneira discretamente calculada os indivíduos como objeto, através dos seus mecanismos. Um desses dispositivos é o “jogo do olhar”, “olhares que devem ver sem ser vistos’. O

acampamento militar se tornou um modelo, segundo Foucault, por ter uma visibilidade geral. A arquitetura é pensada de forma a permitir um controle e vigilância maior: “Adestrar corpos vigorosos, imperativo de saúde; obter oficiais competentes, imperativo de qualificação; formar militares obedientes, imperativo político; prevenir a devassidão e a homossexualidade, imperativo de moralidade”. (FOUCAULT, 1987, p. 198). Essa vigilância não se limita aos corpos, mas também se torna um operador econômico e de subjetivação. Para o autor, essa vigilância hierarquizada funciona como uma máquina, e está em toda parte.

Offred chega após ter sido capturada pelos Guardiões e ter sua filha sequestrada. Passou por meses de treinamento, onde foi ensinada a ser dócil, calada e submissa. Assim que foi considerada apta por Tia Lídia, foi enviada à casa do Comandante Waterford e de sua Esposa Serena. Assim que chegou na casa, após ser recebida por Serena, começou a andar pela casa, apreensiva, pois sabia que Os Olhos estavam por toda parte, logo, desconfiava de todos que se aproximam, inclusive do motorista da casa. O clima de vigilância ecoava durante todo o tempo.

As Aias costumam sair obrigatoriamente em duplas para fazer compras. Em sua primeira compra em Gilead, encontra Ofglen no portão e se apresenta para ela. Ambas, ao caminhar pelas ruas, observam os cadáveres pendurados com cordas nas paredes e conversam um pouco sobre suas vidas anteriores, suas profissões... Mesmo sabendo que falar sobre o passado é proibido e passível de punição, Offred se sente segura e fala sobre sua filha (Hannah), Ofglen fala que era professora de biologia na faculdade. Ofglen avisa que Offred deve ter cuidado pois há um Olho em sua casa.

Os corpos pendurados no percurso dos habitantes de Gilead tem muito a dizer, a qualquer pessoa que possa sequer pensar em infringir alguma regra ou princípio legal, moral ou religioso. Sendo assim, vale pensar que há um pequeno mecanismo penal em todos os sistemas disciplinares, leis e sanções aplicadas aos delitos quando julgados. Em vários lugares ocorre uma repressão, que é chamada por Foucault de micropenalidade do tempo: atrasos, maneira de ser, gestos corporais, posturas indecentes (sexualidade). Segundo ele, há sutis punições para esses comportamentos considerados inadequados baseados em pequenos programas e regulamentos. O castigo em si tem uma função corretiva, além de acabar hierarquizando os indivíduos como bons e maus. Essa diferenciação na hora de punir, no regime de poder disciplinar, tem por finalidade a hierarquização: “compara, diferencia, hierarquiza, homogeniza, exclui. Em uma palavra, ela normaliza” (FOUCAULT, 1987, p. 207).

A normalização produz o normal-anormal, através de uma série de dispositivos disciplinares, instituições e suas técnicas. A partir do surgimento dessas normas, os sujeitos são hierarquizados, desqualificados, invalidados. O poder normalizador é permeado de vigilância e de sanções que visam punir os sujeitos. Estratégia de poder-saber-controle que discipliniza e se esquadrija pela combinação das técnicas hierarquizadas, das sanções, tal como Foucault chama de exame. Em suas palavras:

É um controle normalizante, uma vigilância que permite qualificar, classificar e punir. Estabelece sobre os indivíduos uma visibilidade através da qual eles são diferenciados e sancionados. É por isso que, em todos os dispositivos de disciplina, o exame é altamente ritualizado. Nele vêm-se reunir a cerimônia do poder e a forma da experiência, a demonstração da força e o estabelecimento da verdade. No coração dos processos de disciplina, ele manifesta a sujeição dos que são percebidos como objetos e a objetivação dos que se sujeitam (FOUCAULT, 1987, p. 210).

Algo próximo do que a série nos faz sentir, ver e falar:

Offred começa a desconfiar que Nick, o motorista, é um Olho. Os Olhos são os escolhidos para vigiar tudo e todos... Todos sabem que eles estão em toda parte, só não sabem quem eles são. Nick diz a Offred que não adianta ter coragem, que ela pode acabar como Ofglen e que é para ela contar tudo. De repente, chegam homens armados em uma van preta e começam a perguntar qual era a relação das duas: “ela a tocou?”, Offred diz que eram apenas amigas, mas que ela sabia que Ofglen era gay... a palavra proibida, gay... imediatamente Tia Lídia a agride com um aparelho de eletrochoque, um dos instrumentos de punição.

Tia Lídia: “você sabia que ela era uma Traidora de Gênero? Aquela coisa era uma ofensa a deus, ela era um animal repugnante”.

Serena chega e a defende, expulsa o investigador e Tia Lídia de sua casa... Offred volta para seu quarto ofegante.

Offred: “por favor, deus, eu não quero dor. Não quero ser uma boneca pendurada na parede. Quero continuar vivendo, faço qualquer coisa. Renuncio o meu corpo livremente para o uso de outros. Eu sacrificarei. Eu arrependerei eu abdicarei. Eu renunciarei”.

Ofglen é considerada um ser abjeto, assim como todos que habitam zonas que são consideradas inóspitas, inabitáveis, inumanas (BUTLER, 2019). Como vimos nos trechos descritos acima, os sujeitos de Gilead tem seus corpos controlados por práticas discursivas regulatórias, com seus processos de exclusão. O que se é, e o que se pode fazer, é determinado a todo instante.

A série *O Conto da Aia* nos faz ver que os corpos que importam são normalizados por uma série de dispositivos disciplinares. O panóptico, está em toda parte, através da vigilância-controle e correção, e suas relações de poder-saber. Olhos e olhares, o jogo do olhar como uma estratégia de visibilidade sobre os sujeitos de Gilead.

3 NOLITE TE BASTARDES CARBODORUM

Offred: “faz treze dias. Minha porta está destrancada. Nem fechada está. Um lembrete constante de quem está no controle. Posso descobrir coisas nesse quarto. Sou uma exploradora, uma desbravadora em países desconhecidos. Melhor que uma maluca, perdida nas memórias...”

Ela está deitada no chão, dentro do guarda roupa e vê algo bem escondido. Algumas palavras escritas.

Offred: “palavras, latim, imagino. Alguém escreveu aqui, onde ninguém veria. Seria a outra Offred? A que esteve aqui antes de mim? É uma mensagem para mim. Você está aí? ”

Em Gilead as mulheres não podem escrever, nem ler... a punição é uma das mãos cortadas.

Offred: “tem que ter coragem para fazer isso! ”Seja lá o que isso significa, obrigada!”

Como dito anteriormente, mesmo sendo *O conto da Aia* uma distopia, vários aspectos se aproximam muito de nossa sociedade contemporânea. Descontinuadamente, a filósofa Simone de Beauvoir foi uma das precursoras das discussões acerca de questões sobre as mulheres, por esse motivo foi perseguida pela Igreja e seus livros foram censurados na época.

Beauvoir começa seu livro “O Segundo Sexo - Fatos e Mitos”, escrito em 1949, afirmando o quanto para ela era irritante falar do “tema mulher”, “haverá mulher?”, “a teoria do eterno feminino ainda tem adeptos”. No seu meio ouvia muito falar que “A mulher se está perdendo, a mulher está perdida”, “a feminilidade está correndo perigo”, “sejam mulheres, permaneçam mulheres, tornem-se mulheres”. Na época sua obra se tornou um escândalo e foi proibida e bastante criticada pela Igreja Católica. Quando publicado o livro, o movimento sufragista já havia alcançado seus objetivos. O segundo volume tem como subtítulo *A Experiência Vivida*, o mais conhecido por sua considerada polêmica frase:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino (BEAUVOIR, 1967, p. 9).

De uma maneira sarcástica Beauvoir afirma que se não havia mais feminilidade era porque nunca teria havido. Segundo ela, os filósofos das luzes, racionalistas, afirmavam que a

mulher não tinha nenhum conteúdo, e que não existia mais. Para Aristóteles, a fêmea tinha na sua virtude a carência de qualidades; para São Tomás de Aquino, a mulher era um ser incompleto, ocasional. Contestando estes pensamentos, a autora defendia que “todo ser humano concreto sempre se situa de um modo singular” (BEAUVOIR, 1980, p. 8), independentemente de ser homem ou mulher. O que nos deixa para pensar é que por mais que essas categorias estivessem desaparecendo, era evidente que a humanidade se dividia em duas categorias de indivíduos.

Beauvoir se tornou importante no início dos estudos da mulher por colocar em evidência a pergunta “que é uma mulher?”. Apontou, também, para o fato de o homem ser considerado o polo positivo e neutro, enquanto a mulher, negativo. Além disso, sinalizou que para designar “seres humanos”, visto que quase sempre dizemos “homens”. Em seus estudos, criou o conceito de Outro: “O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro” (BEAUVOIR, 1980, p. 11).

A noção de gênero como diferença sexual, por volta dos anos 1960 e 1970, foi alvo de críticas por vários grupos sociais, inclusive de estudiosas feministas. Essas intervenções organizaram grupos específicos de discussão, marcados pelo próprio gênero. Com o passar do tempo, essas discussões dualistas e binárias foram se tornando limitadas e deficientes, pois essa literatura acabava dando muita ênfase ao “sexual”. As próprias discussões que Beauvoir trouxe em sua época já não cabiam mais, pois não resolviam os problemas do universalismo, nem dos essencialismos das identidades, nem dos binarismos.

Segundo Tereza de Lauretis, discutir a questão das mulheres apenas criticando o patriarcado, era uma limitação. Tomar como ponto de partida apenas o patriarcado Ocidental seria manter um discurso cultural dominante. Uma das primeiras críticas a esse pensamento foram as oposições universais, homem versus mulher. Já nos anos 1980, essa concepção foi sendo questionada de maneira a se pensar a constituição do sujeito social e suas subjetividades, classe, raça, ou seja, “um sujeito, portanto, múltiplo em vez de único, e contraditório em vez de dividido” (LAURETIS, 1987, p. 208).

Naquele contexto, para Lauretis e outras estudiosas de mulheres era necessário se desprender do conceito de gênero que estava preso às diferenças sexuais, e inclusive, deveria ser desconstruído. Tal problematização, tocada por algumas feministas, tais como Lucy Bland, Wendy Hollway e Monique Wittig, coloca em cena o trabalho teórico foucaultiano, que posiciona a sexualidade como uma tecnologia sexual, observando a importância de sua obra assim como suas críticas. Outra proposta era pensa-lo como um produto de diferentes

tecnologias sociais, como por exemplo, cinema, discursos e práticas do dia a dia. Logo, sexualidade e gênero deveriam ser repensados em uma série de relações sociais e de poder que produzem efeitos nos comportamentos e nos corpos. Lauretis propõe um esquema de proposições que norteiam essa discussão: A primeira é que “gênero é uma representação”, mesmo assim, tem implicações concretas, reais, sociais e subjetivas; a arte e a cultura erudita ocidental fazem parte da construção da representação do gênero; a construção do gênero vem ocorrendo desde a era vitoriana, tanto nos “aparelhos ideológicos do Estado, como na academia, na comunidade intelectual, na arte e também no feminismo; de maneira paradoxal, desconstruir o gênero também é construí-lo” (LAURETIS, 1987).

Gênero representa uma relação social e não um indivíduo. Foi denominado de sistema sexo-gênero a sabedoria popular que gênero não é sexo. Os significados podem variar de cultura para cultura, mas esse sistema sempre vai estar interligado a fatores políticos e econômicos, em cada sociedade, e as concepções de masculino e de feminino se complementam e se excluem, pois fazem parte desse sistema. Sendo assim, segundo Lauretis (1987), o sujeito do feminismo precisa ser ampliado, não com a ideia de uma Mulher como representação, mas como algo em construção em andamento, uma construção teórica. Sujeitos de “relações reais”, sujeitos históricos.

O simples ato de marcar um formulário na letra F ou M, já diz o quanto somos marcados pelo gênero. Segundo Butler (2017), esse é o processo de Interpelação proposto por Althusser. Nesse processo, uma pessoa absorve e aceita uma representação social, que mesmo sendo imaginária se torna real para ela. A filósofa discute a ideia da forma de poder como sujeição, mostrando o seu paradoxo. O poder se manifesta externo a nós, mas como sujeito dependemos desse mesmo poder. Em suas análises foucaultianas, afirma que o poder é como algo que forma o sujeito, algo marcado que nos torna dependentes dele para existir:

Sujeição significa tanto o processo de se tornar subordinado pelo poder quanto o processo de se tornar um sujeito. Seja pela interpelação, no sentido de Althusser, seja pela produtividade discursiva, no sentido de Foucault, o sujeito é iniciado através de uma submissão primária ao poder (BUTLER, 2017, p.10).

É noite de cerimônia, a noite mais importante do mês. Offred ajoelha-se no tapete vermelho na sala. O comandante Fred chega adiantado e a convida para jogar depois da Cerimônia, mesmo sendo proibido. Ele permite que Offred jogue com ele em seu escritório durante a madrugada e que leia revistas que sobraram das que foram queimadas.

Serena, Martha e Nick entram na sala, o ritual começa. Fred pega a bíblia e lê em voz alta: “quando Rachel percebeu que não daria filhos a Jacó, teve inveja de sua irmã e disse a Jacó: da - me filhos se não eu morro”.

Fred, mesmo com ajuda de Serena, não consegue finalizar o ritual... Offred em um misto de alívio e desespero volta para seu quarto ofegante.

Offred: “serei culpada. Não sou livre de culpa. Ele tentou falar comigo antes da cerimônia. Ele tentou se conectar. É disso que ele precisa. Você pode molhar a borda de uma taça e passar o dedo por ela. Fará um som. É assim que me sinto. O som de uma taça. Sinto-me como a palavra despedaçar...”

Esses discursos fundamentalistas baseados em versículos da bíblia estão presentes em sociedades onde predomina o Cristianismo. Em Gilead, essa é uma característica bastante visível, e a concepção de mulher reprodutora está embasada também em um discurso biológico determinista. O conceito de gênero surge justamente como um dos objetivos de desnaturalizar esse pensamento religioso e biológico (SCOTT, 1990).

No decorrer dos estudos sobre gênero, o conceito foi tomando variadas formas e ampliando-se em diversos desdobramentos. Nem sempre as diferentes áreas de conhecimento entram em consenso sobre esses estudos. Como um desses desdobramentos, podemos pensar o cinema como tecnologia de gênero, pois é muito comum vermos nos filmes uma sexualização das mulheres, além de colocá-las como objeto de olhar. Muitas estudiosas feministas, como Laura Mulvey, E. Ann Kaplan, e Tereza de Lauretis se voltaram para esse tipo de análise, das técnicas e códigos cinematográficos. Várias produções cinematográficas na atualidade têm tentado romper com essa lógica, em forma de ativismo, a exemplo da série *O Conto da Aia* que colocamos em análise nesta dissertação. Os discursos, inclusive o cinematográfico, são tecnologias de gênero.

Discurso, para Foucault, não são apenas palavras e frases, mas sim uma rede de signos que se conecta com outros discursos ou redes de discursos, que não é nem neutro e nem transparente. Para ele, essa produção dos discursos é “controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (FOUCAULT, 2012, p. 8-9), isso em todas as sociedades.

Nestes termos, aponta para “mecanismos de exclusão” que são externos ao discurso: interdição, separação e a vontade de verdade. O mecanismo mais disseminado é a interdição, que se refere ao tabu do objeto, ritual da circunstância e ao direito privilegiado de quem fala:

“as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder” (FOUCAULT, 2012, p.12). A manutenção dos valores disseminados em nossa sociedade é carregada de rituais e estratégias que validam e disseminam o discurso. Sobre esse assunto, ele cita como exemplo textos religiosos, jurídicos, literários e científicos:

O discurso nada mais é do que um jogo, de escritura, no primeiro caso, de leitura, no segundo, de troca, no terceiro, e essa troca, essa leitura e essa escritura não põe em jogo senão os signos. O discurso se anula, assim, em sua realidade, colocando-se na ordem do significante (FOUCAULT, 2012, p. 46-47).

Logo, o discurso se produz por entre acontecimentos aleatórios, não há continuidade temporal que não evolui e não possui uma regularidade. Os acontecimentos para Foucault são impermanentes, singulares e originais.

Depois que todos dormem Offred vai ao escritório de Fred, que diz ter viajado para o México para coordenar uma delegação comercial. June brinca e diz que deve deixá-lo ganhar o jogo. Ele diz que prefere uma luta justa. Durante o jogo ele pede o dicionário, ela se aproxima da estante e vê um dicionário de latim... Offred pede que ele traduza para ela algo em latim, algo que ela ouviu de uma amiga, “Nolite te Bastardes Carborundorum”... Ele fala que é uma piada, e que só tem graça para quem entende o latim.

Comandante Fred: “não tem tradução, é algo como, não deixe que os idiotas te desanimem”.

Os dois conversam sobre a antiga Aia e Fred diz que ela se suicidou, enforcada.

Comandante Fred: “ela achava a vida insuportável...”.

No dia seguinte Offred acorda de uma maneira diferente, como se uma ponta de esperança surgisse em meio a todo o terror que estava vivendo.

Offred: “havia uma Offred antes de mim. Ela me ajudou a encontrar uma saída. Ela está morta. Ela está viva. Ela sou eu. Somos Aias... Nolite te bastardes Carborundorum”.

Temos vivido no Brasil tempos sombrios. Os representantes com seus discursos fundamentalistas e moralistas tem perseguido as ditas minorias. Os estudos sobre gênero, mulheres e sexualidade também têm sido desmoralizado pelo presidente da república e seus apoiadores. Diante disso, o conceito gênero precisa ser repensado, não como uma essência ou construção social, mas sim entre a produção de poder, pois se faz importante como forma de resistência. Talvez, em tempos como os nossos, seja importante repetir para diferir e seguir afirmando a luta: Nolite Te Bastardes Carborundorum – Não deixe que os idiotas te desanimem.

4 “FAITHFUL” – “FIEL”

Mais um mês se passou em Gilead, e é novamente dia do ritual, o dia da Cerimônia. Offred faz a sua “limpeza” habitual, a mesma passagem da bíblia é lida em voz alta como se fosse um mantra. Fred toca em Offred durante a Cerimônia, o que é proibido... Offred vai em seu escritório reclamar, pois por esse motivo pode ir para as Colônias.

Offred: qual o sentido de tudo isso?

Comandante Fred: “filhos, o que mais há na vida? ”

Offred: “amor”.

Comandante Fred: “existe um destino biológico” [...] “toda história de amor vira tragédia, só queríamos melhorar o mundo, sempre fica pior para alguns, nunca melhora para todos”.

Nessa cena é possível sentir como os discursos biológicos e bíblicos caminham lado a lado, como se fossem uma verdade inquestionável. Percebemos isso no dia a dia, e nos episódios de *O Conto da Aia*. Como dito anteriormente, Foucault (1996) afirma que nas sociedades a produção dos discursos é “controlada, selecionada, organizada e redistribuída” (FOUCAULT, 1996, p. 9), além disso um dos processos de exclusão que ele pontua é a interdição.

Na nossa sociedade contemporânea, é possível observar que nem tudo pode ser dito por qualquer sujeito. Há pessoas que são qualificadas para falar de certos assuntos, as que tem o direito privilegiado de falar. Em Gilead existe uma tensão no ar, enunciada e visibilizada nos silêncios, cochichos, na vigilância. Falar demais pode resultar em castigos leves, até mesmo às Colônias.

E por que fazer reverberar aqui neste capítulo os efeitos discursivos? Falar de discurso não é somente falar do dito e do não dito, mas também o que é considerado “verdade” por uma sociedade em determinado contexto histórico. Porque também, ao falar de discurso e com o discurso tramamos sobre a constituição do sujeito.

Vários discursos precisam de uma série de rituais para serem validados e aceitos oficialmente, em forma de solenidades ou mesmo da qualificação dos locutores, procedimentos que permitem o controle dos discursos.

O ritual define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam (e que, no jogo de um diálogo, da interrogação, da recitação, devem ocupar determinado tipo

de enunciados; os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso; fica enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirigem, os limites de seu valor de correção (FOUCAULT, 1996, p. 39).

Presenciamos no dia a dia os discursos religiosos, judiciários, terapêuticos, educacionais, políticos, dentre outros que também são apontados por Foucault (1996), como práticas discursivas. Os discursos têm suas condições de funcionamento, ou seja, mecanismos de ligação e exclusão entre os sujeitos. Nas práticas de um ritual, analisado em *A Ordem do Discurso*, é o ritual que determina para os sujeitos quem é que fala, e ao mesmo tempo, suas próprias singularidades e seus papéis pré-estabelecidos, ou seja, há uma organização de quem deve se apropriar do discurso. A sociedade do discurso organiza, faz manter e circular os discursos.

Segundo Dias e Rodrigues (2021), a aula de 2 de dezembro de 1970, teve como questionamento central “O que há, enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente”, pois nem todos os sujeitos são considerados qualificados para falar. Como vimos acima, o ritual,

define qualificações, gestos, comportamentos, circunstâncias e signos não só para que sujeitos sejam autorizados ao discurso, como também para a possível eficácia que suas palavras venham a ter sobre os demais – caso, evidentemente, dos discursos religiosos, judiciários, terapêuticos e políticos” (FOUCAULT, 1996, *apud* DIAS; RODRIGUES, 2021, p. 31)

Em Gilead, a Cerimônia é um ritual que é legitimado pelo discurso coercitivo bíblico, como já foi analisado, pois foi institucionalizado pelos Guardiões dos Fiéis, que são os fundamentalistas. A cerimônia, as consultas e exames regulares com os médicos, as compras, as reuniões das Aias, tudo faz parte de um sistema de discursos validados por autores “qualificados”. É importante destacar que o sistema de educação atua de maneira articulada aos processos de manutenção ou até mesmo de mudança dos discursos “com os saberes e os poderes que eles trazem consigo” (FOUCAULT, 1996, p. 44).

Nas práticas de um ritual, como na *Ordem do Discurso*, é o ritual que determina para os sujeitos quem é que fala e, ao mesmo tempo, suas próprias singularidades e seus papéis pré-estabelecidos, isto é, há uma organização de quem deve se apropriar do discurso. A sociedade do discurso organiza, faz manter e circular os discursos:

A pertença doutrinária questiona ao mesmo tempo o enunciado e o sujeito que fala, e um através do outro. Questiona o sujeito que fala através e a partir do enunciado,

como provam os procedimentos de exclusão e os mecanismos de rejeição que entram em jogo quando um sujeito que fala formula um ou vários enunciados inassimiláveis (FOUCAULT, 1996, p.43).

Foucault (1996) vai dizer que a doutrina cria uma pertença doutrinária, como “pertença de classe, de status social ou de raça, de nacionalidade ou de interesse, de luta, de revolta, de resistência ou de aceitação”. A doutrina constitui o inverso de uma sociedade do discurso e realiza uma dupla sujeição, “dos sujeitos que falam aos discursos e dos discursos ao grupo, ao menos virtual, dos indivíduos que falam” (FOUCAULT, 1996, p. 43). A doutrina opera pela aceitação das mesmas verdades e da regra.

A educação, para Foucault, é uma maneira política de manutenção e propagação do discurso e da ritualização da palavra com suas relações de poder-saber. Esses mecanismos apontados acima se ligam e se interligam uns aos outros. O treinamento que as mulheres são obrigadas a passar para se tornarem Aias é um sistema educativo ritualizado, onde os papéis são qualificados e fixados, um sistema de sujeição baseado em um sistema discursivo de poder-saber.

Assim que o golpe acontece em Gilead, as mulheres perdem sua autonomia lentamente, desde a perda de seus empregos, até a perda de seus corpos, treinadas para serem dóceis, passivas, caladas, silenciadas, são ensinadas a acreditarem que estão ali por um bem maior, ou seja, procriar para sanar a queda da natalidade e instruídas a praticar o ato sexual com os seus Comandantes com o único objetivo de engravidarem para as esposas inférteis. Porém, é possível perceber que há as que subvertem essa lógica e tentam criar mecanismos de fuga dessa realidade dada. Não distante das cenas retratadas na série, muitas mulheres, hoje, ainda são ensinadas a exercerem determinados comportamentos que são considerados os mais adequados, como ser “dona de casa”, “esposa”, “paciente”, “dedicada” etc.

Como é possível ainda hoje a sujeição da mulher? Que mecanismos estão implicados nesse processo? Como se dá o controle dos corpos das mulheres?

Silvia Federici (2017) traz em suas análises a relação da transição do feudalismo para o capitalismo a partir de uma história das mulheres. Mulheres que nessa transição perderam sua voz, “sujeitos femininos que o capitalismo precisou destruir: a herege, a curandeira, a esposa desobediente, a mulher que ousa viver só, a mulher obeah que envenenava a comida do senhor e incitava os escravos à rebelião” (FEDERICI, 2017, p. 24). Por qual motivo houve uma intensificação da violência contra a mulher? E como isso contribuiu para o retorno da caça às bruxas?

Para o aumento da acumulação capitalista foi necessário que a mulher se subordinasse mais ainda aos homens. Essa violência sofrida na época da transição e que ainda é sofrida diariamente é uma das condições necessárias para os pilares do capitalismo. A coincidência trazida por Federici é a ascensão desse novo sistema com a morte de milhares de mulheres, chamadas de bruxas, de hereges, as curandeiras. Um dos consensos é que um dos objetivos era que as mulheres perdessem o controle sobre sua própria função reprodutiva. É curioso que o contexto da “caça às bruxas” se deu em uma época de crise demográfica e econômica, nos séculos XVI e XVII.

Geralmente quando se fala em “mulher”, em nossa sociedade, fala-se de um ideal de “feminilidade” que está no imaginário das pessoas. Uma feminilidade que surge nesse contexto capitalista, como um atributo biológico nas mulheres. Sendo assim, para ampliar essa discussão, é necessário pensar questões relacionadas ao corpo, sexualidade, procriação, etc. O controle dos corpos das mulheres interferiu na reprodução, no aumento dos estupros, da imposição da beleza (FEDERICI, 2017, p.34):

Na sociedade capitalista, o corpo é para as mulheres o que a fábrica é para os homens trabalhadores assalariados: o principal terreno de sua exploração e resistência, na mesma medida em que o corpo feminino foi apropriado pelo Estado e pelos homens, forçado a funcionar como um meio para a reprodução e a acumulação de trabalho (p. 34).

Dentre algumas questões levantadas nesta pesquisa, a do corpo é uma das quais não se pode deixar de problematizar em sua complexidade. A série, retrata de maneira muito precisa sobre a procriação, o desejo da maternidade, o corpo como uma prisão, como diz Federici (2017) em suas análises. Ela propõe que racismo e sexismo estão diretamente ligados com a transição do feudalismo para o capitalismo.

Uma Aia é um corpo, um corpo que é objetificado. *Offred é chamada por Serena para cortar as flores no jardim... muitos meses se passaram e a gravidez, o momento mais esperado por todos, não acontece... Serena propõe que Offred tenha relações sexuais com Nick, o motorista, o Olho, em segredo, em sigilo absoluto... Offred finge não entender o que Serena sugere.*

Serena: “Seu tempo aqui está acabando, quer ser mandada para as Colônias? ”, [...] “talvez ele não possa, estava pensando em tentar de outro jeito, isso é mais comum do que você imagina”.

Quando uma Aia não engravida, mesmo que o motivo seja a infertilidade do Comandante, é ela que precisa resolver de qualquer maneira, nem que seja com outro homem em sigilo, e além disso, carrega a culpa sobre si.

O sentimento de culpa que muitas mulheres carregam consigo mesmas a vida inteira, por inúmeras e variadas questões, é muito comum até os dias de hoje. As redes de opressão que operam nessas relações de poder nos ajudam a pensar que mulheres são oprimidas não somente por homens, mas também pelas próprias mulheres. O que leva uma mulher a oprimir uma outra mulher? O que há de política do corpo das mulheres nos discursos? O que há de discursivo nesses rituais corpóreos?

Trago aqui um recorte dos séculos XVI e XVII, feita por Federici (2017), na Europa, para continuar essa conversa, pois, uma das consequências da “caça às bruxas” foi justamente o incentivo a rivalidade entre as mulheres. No sistema feudal as mulheres tinham o hábito de conversarem em grupo, saíam para lavar roupas juntas, trabalhavam juntas e o ritual do parto era realizado apenas por mulheres. Nessa época, as mulheres e os homens eram obrigados a denunciar outras mulheres que tivessem algum comportamento considerado “suspeito” de “bruxaria”. As mulheres passam a perder toda a conexão que tinham outrora, “eram orientadas a não se reunirem com suas amigas (nesse período, a palavra gossip [fofoca], que significa “amiga”, passou a ganhar conotações depreciativas)” (FEDERICI, 2017, p. 200). As relações estavam sendo redefinidas nesse contexto, e a própria concepção de masculino e feminino passaram por um processo de mudanças.

Com o passar do tempo, na consolidação do sistema capitalista houve uma desvalorização da condição social das mulheres, com isso elas foram “domesticadas”. Leis foram aprovadas para proibirem as mulheres de trabalharem por conta própria. Na França, perderam o direito de fazer contratos ou de representar a si mesmas nos tribunais, tendo sido declaradas legalmente como “imbecis” (FEDERICI, 2017, p.199, grifo da autora).

As mulheres perderam o controle sobre seus corpos, principalmente quando começaram a ser acusadas de bruxaria, de luxúria, de praticar relações sexuais degeneradas. As mulheres eram acusadas de terem contato com o diabo, e em seus feitiços destruírem a vida dos homens. As acusações eram infinitas, e funcionavam como prática discursiva, age, acontecimentalizada na vida, nos corpos, como se aquilo fosse uma verdade. A Igreja Católica teve participação fundamental nesse processo, pois fazia propaganda misógina contra as mulheres, contra as bruxas. Eram acusadas até mesmo de tornar os homens impotentes. A sexualidade da mulher era cada vez mais apagada, como se fosse uma ameaça ter uma vida

sexual livre. E essa repressão mencionada aqui se dava por volta dos séculos XVI e XVII, resultando em um show de horrores, torturas, assassinatos e estupros.

A crise demográfica que a Europa passou durante e após a Peste Negra nos faz pensar sobre uma aproximação com a distopia retratada na série. Essa crise passou a ser associada com heresias e com os considerados crimes reprodutivos, em vários países da Europa práticas sexuais, incluindo sexo anal, eram consideradas sodomias, sendo que a Igreja, como dito, teve um papel fundamental no controle do casamento e da sexualidade das pessoas.

Sabemos que em tempos passados e em tempos atuais nós mulheres fomos e somos invisibilizadas, e na transição do feudalismo para o capitalismo isso ficou muito marcado com a matança das bruxas. Butler (2018) levanta alguns questionamentos instigantes: “O que é uma vida vivível?”, “Quais vidas merecem luto público?”. Podemos partir desse questionamento para pensarmos o hoje, porque o feminicídio sempre existiu? Porque as mulheres ainda viram estatísticas? Alguém chora pela vida dessas mulheres? “A vida delas é passível de luto?” A “caça às bruxas” acabou?

Federici (2017) nos faz ver e falar sobre a matança em massa de mulheres que ocorreu na Europa, no período denominado “caça às bruxas”. A historiadora nos mostra que é difícil precisar com exatidão o número de mulheres assassinadas nesse período, pois muitos julgamentos, que eram comuns nessa época, não foram sequer registrados. O início do massacre se deu no final do século XV e se estendeu durante três séculos, sendo o aumento de mortes em meados do século XVI: “alcançou seu ápice entre 1580 e 1630, ou seja, numa época em que as relações feudais já estavam dando lugar às instituições econômicas e políticas típicas do capitalismo mercantil” (FEDERICI, 2017, p. 297).

Bodin, a quem se atribuiu o primeiro tratado sobre a inflação, participou de muitos julgamentos e escreveu um livro sobre “provas” (Demomania, 1580) no qual insistia que as bruxas deveriam ser queimadas vivas, em vez de “misericordiosamente” estranguladas antes de serem atiradas às chamas; que deveriam ser cauterizadas, de forma que sua carne apodrecesse antes de morrer; e que seus filhos também deveriam ser queimados (FEDERICI, 2017, p. 301).

Como vimos acima foram criados vários rituais em torno da morte de milhares de mulheres. Tanto a igreja Católica como o movimento Protestante contribuíram para a perseguição e assassinatos das mulheres. Vários países, mesmo os que estavam em guerra, se uniram para reforçar essa perseguição, dentre eles França, Itália, Alemanha, Suíça, Inglaterra, Escócia e Suécia. Foram três séculos marcados por um genocídio que até hoje é difícil precisar em números de mortes. Em função disso, tivemos nossos corpos, força de trabalho,

poderes sexuais e reprodutivos aprisionados e controlados, era canonizada e “ inclinada ao mal, o que efetivamente servia para justificar o controle masculino sobre as mulheres e a ordem patriarcal” (FEDERICI, 2017, p. 335)

É curioso apontar que a maioria dessas mulheres eram pobres, camponesas e principalmente durante o século XVI, foram junto com suas magias, o alvo. Tudo se tornava justificativa para queimar as mulheres que eram acusadas de fazer bruxaria, de adorarem ao demônio, de infanticídio, práticas abortivas, “mais de 80% das pessoas julgadas e executadas na Europa nos séculos XVI e XVII pelo crime de bruxaria eram mulheres” (FEDERICI, 2017, p. 323). Uma das hipóteses levantadas pela historiadora é que a preocupação da classe política e religiosa, ao cometer tais atos, era a diminuição da população, devido a peste, crises e pobreza.

Com efeito, algo próximo do que nos passa ainda hoje. Vivemos em um país que mais mata mulheres, mulheres trans, gays e lésbicas. Para Butler (2018, p.13), “se certas vidas não são qualificadas como vidas, ou se, desde o começo, não são concebíveis como vidas de acordo com certos enquadramentos epistemológicos, então essas vidas nunca serão vividas nem perdidas no sentido pleno dessas palavras”. Para ela, naturalmente a vida é precária, porém, algumas vidas serão mais ou menos precárias. Quais seriam os critérios que tornariam uma vida mais vulnerável que outra? Ela aponta que nossos corpos estão sujeitos às normas e organizações sociais e políticas, um dos motivos pelos quais a filósofa tensiona e questiona as categorias identitárias.

Os esquemas normativos emergem e desaparecem em meio as operações de poder. “Há sujeitos que não são exatamente reconhecíveis como sujeitos e há vidas que dificilmente – ou, melhor dizendo, nunca - são reconhecidas como vidas (BUTLER, 2018, p.17). Vários sujeitos que não estão condizentes com as normas e são resistentes a elas não têm o reconhecimento da sociedade.

Em Gilead, algumas Aias se conformam e acreditam que estão destinadas a cumprir sua função enquanto reprodutoras das famílias ricas dos Comandantes. Outras , porém, produzem subjetividades outras, e se organizam coletivamente para buscar uma brecha que as permitam viver exercendo suas liberdades, como um fluxo rizomático (DELEUZE; GUATTARI, 2000), uma erva daninha que ganha força em uma base concreta.

Durante as compras Ofglen que tinha sido presa por traição de gênero, aparece com outro nome, Ofsteven. Offred se surpreende em vê-la e pergunta se ela está bem, e diz que sabe o que aconteceu com ela.

Ofsteven: Não sei mais de nada. Depois do que houve, sou perigosa demais para fazer parte.

Offred: Parte de que?

Ofsteven: Mayday.

Offred: O que é mayday?

Ofsteven: Mayday não pode mais me usar. Mas você pode ajudá-los.

Offred: Quem são eles?

Ofsteven: São a resistência.

Offred: Onde encontro eles?

Ofsteven: Meu nome é Emily, quem é você?

Na cena acima, referente ao episódio de número cinco, as personagens conversam de maneira bem discreta, aos sussurros (pois é proibido certos assuntos), sobre uma possível rede, um grupo, algo que se chama “mayday”. No mesmo episódio, Offred lembra que uma vez seu marido Luke lhe explicou sobre o significado dessa palavra: “*é francês, mayday, ajude-me*”. Logo em seguida, depois dessa conversa entre elas, Ofsteven num impulso abrupto pega o carro de um soldado distraído e sai em alta velocidade, atropela um outro soldado e acaba sendo presa. As Aias são proibidas de dirigir, por isso todas ficam pasmas!

Offred: “não conseguiram tirar tudo. Havia algo dentro dela que não conseguiram tirar. Ela parecia invencível”.

Nomes próximos, quase iguais, das duas personagens que contracenam com sua ação naquele espaço tão opressor e normativo, entre as relações de poder, no qual elas produzem uma resistência, uma prática de liberdade que a transforma e transforma as outras. Algo próximo do que já foi enunciado por Michel Foucault em sua aula, A Ordem do Discurso (1996), quando de sua análise sobre as sociedades do discurso, a doutrina e o ritual: “e preciso reconhecer que há grandes fendas”. Talvez seja esta posição que Ofstelsen aponta para Offred, *mayday*, para pensar os fios e pontas de resistência nas instituições, que nos atravessam e estão em jogo. Há sempre brechas a serem cartografadas.

5 “A WOMAN’S PLACE” – “O LUGAR DE UMA MULHER”

Gilead se prepara para receber convidados importantes, líderes, políticos. As Aias lavam as paredes de sangue para passar uma boa impressão aos convidados, os cadáveres foram retirados. O vermelho do sangue se confunde com o vermelho das suas roupas. Vários burburinhos ecoam nas ruas: “Estrangeiros vão à casa de Offred”, “é meio estranho sem os cadáveres, não é? A gente se acostuma com as coisas, não é?” (Janine). Serena aconselha Offred a responder as perguntas com muita sensatez, e a ameaça. A visita tão falada na cidade é da embaixada, para realizar possíveis negociações.

O Comandante Fred e sua esposa Serena recebem a visita de uma embaixadora para tratar sobre uma possível negociação. Durante o jantar, menciona o livro escrito por Serena, o livro que inspirou o golpe, chamado “Lugar de Mulher”, e questiona se ela imaginava uma sociedade em que as mulheres não poderiam ler o livro que ela mesma escreveu,

Serena: “não, eu não imaginava. Deus exige sacrifícios, ele sempre faz isso. Ele dá bênçãos justas em troca, Gilead tem sido abençoada de diversas formas”.

Aqui é importante tensionar opressões feitas de mulheres para mulheres. O livro escrito pela personagem Serena se trata do que ela identifica como “feminismo doméstico”, afirmando que naturalmente a mulher nasceu para procriar e servir ao lar e ao marido. Esse livro, além da Bíblia, foi o ponto de partida para se pensar a educação e o disciplinamento sobre os corpos das Aias. Os “momentos pedagógicos” mostrados no decorrer das cenas, durante o Treinamento pelas Tias, dão forma à doutrinação, produção de silêncios e aos mecanismos de controle sobre os corpos de mulheres.

Pensar nessas formas de “educar” retratadas na série, nos remete por vezes a nossas próprias experiências nos espaços escolares durante a infância e adolescência. A escola, sendo uma das instituições autorizadas a ensinar, é parte importante dessa produção de doutrinas com suas análises discursivas (FOUCAULT, 2013) e deixa marcas profundas em nós. Na escola somos ensinadas a sermos dóceis, educadas, afáveis, a obedecer. Nos anos iniciais é marcante como os espaços físicos têm suas divisões marcadas, geralmente os meninos tem a licença para brincadeiras mais “pesadas”, já as meninas são direcionadas para brincadeiras mais “leves”. É muito comum ouvir: “mas isso é brincadeira de menina...” ou vice-versa.

A autora Guacira Lopes traz em suas análises algumas das lembranças da vida escolar. Ela relata que estudou em uma escola pública predominantemente feminina. Nas palavras

dela, um dos papéis da escola era “civilizar” homens e mulheres para a sociedade, “o investimento de base da escolarização se dirigia para o que era substantivo: para a formação de homens e mulheres de verdade” (LOPES, 2007, p. 11). A educação tinha como foco que as normas desejadas fossem apreendidas. Algumas marcas eram impostas aos corpos das alunas, não com relação aos conteúdos, mas às situações do dia a dia, “isso implicava a obrigação de manter um comportamento “adequado”, respeitoso e apropriado, em qualquer lugar, a qualquer momento” (LOPES, 2007, p.11, grifo da autora). Segundo ela, tanto o cinema, como as revistas, a televisão, a publicidade de sua época, também exerciam suas formas de pedagogização. Mesmo sendo muito comum hoje em dia vermos e ouvimos a frase “lugar de mulher é onde ela quiser”, é questionável se realmente isso acontece.

Em *The Hands Made Tale*, o Treinamento que as mulheres são obrigadas a fazerem para se tornarem Aias é baseado na tortura física, ameaças, e inculcação do sentimento de culpa por serem mulheres. O discurso sobre a sexualidade é muito presente nas falas das Tias e nas práticas.

Janine: Os meninos apenas... continuavam chegando ao porão. Horas. Foi a sensação. Não sei, dois...talvez três de uma vez. Eu conhecia a maioria, da escola. Não acreditavam que estavam fazendo aquilo. Que aquilo estava acontecendo.

Tia Lídia: Mas aconteceu. Não foi?

Janine: Foi.

Tia Lídia: Quem provocou? De quem era a culpa?

Janine: Eu não sei.

Tia Lídia: De quem foi a culpa meninas?

Aias: A culpa é dela! Dela! A culpa é dela! Dela! Dela!

Tia Lídia: Vá. Fale. E por que Deus permitiu que algo tão atroz acontecesse?

Aias: Ensinar uma lição! Ensinar uma lição! Ensinar! Ensinar! Ensinar a ela!

Um dos dispositivos retratados na série que faz parte da manutenção do lugar de assujeitamento das mulheres é o da sexualidade. Em uma de suas entrevistas, Foucault (2008) foi questionado quanto ao sentido e a função metodológica do termo “dispositivo da sexualidade”. Em suas respostas pontuou que é o dito e o não dito, o que é discursivo ou não, e uma rede de elementos que tem uma conexão entre si, como: “discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas” (FOUCAULT, 2008, p.

138). Sendo assim, o dispositivo funciona em um jogo de poder/saber que opera que responde alguma urgência histórica, e tem uma função estratégica dominante.

Em uma cena de *O conto da Aia*, por entre as linhas do que é dito e visível podemos perceber um dos momentos antes do golpe que envolvem uma rede de elementos.

Serena conversa com Fred sobre a ideia de escrever um artigo sobre a fertilidade como um recurso nacional, e a reprodução como imperativo moral. Durante a conversa eles saem para ir ao cinema. Já no cinema Fred recebe algumas mensagens.

Fred: “está acontecendo, emitiram as ordens, foi o que propusemos, três ataques, separados [...] primeiro o Congresso, depois a Casa Branca e o Supremo”.

Serena: “Graças a deus! As coisas têm que mudar, há dor agora, muita, estamos salvando a vida das pessoas, fazendo o trabalho de deus”.

Naquele momento, havia uma intenção por parte de um grupo de fundamentalistas para instaurar um novo regime, onde a prioridade seria a mudança da moral, a dissolução de algumas instituições do Estado, como o Congresso, a Casa Branca e o Supremo. É curioso perceber que um dos pilares de Gilead é um livro sobre feminismo doméstico, escrito pela própria Serena, mulher, universitária, que é excluída das reuniões que deram início ao golpe, com o argumento de que mulheres perdem muito tempo com a vida acadêmica e esquecem os verdadeiros propósitos. Pensar sobre o golpe na série, é pensar como esses mesmos discursos estão presentes na nossa vida, nos jornais, nas redes sociais, sendo proferidos, por políticos, líderes religiosos, dentre outros.

Vale ressaltar que essas mudanças não ocorreram de maneira abrupta, mas sim passando por um processo gradativo de legitimação por várias instituições, leis, práticas discursivas. Já consolidado o golpe, Gilead se torna um lugar de opressão e medo, principalmente para as mulheres.

Durante o processo cartográfico, pudemos pensar que a série aponta para um ativismo que levanta questões relacionadas a opressão à mulher, e ao seu corpo, como objeto apenas para reprodução. Os atores levantam pautas importantes relacionadas não só à série, mas também sobre situações vividas em nossa sociedade, como violência, aborto, etc. A autora do livro, Margaret Atwood, também participa da direção das gravações dos episódios. Ao acompanhar as redes sociais¹⁴ da série nos forçamos a pensar que sempre há uma brecha para romper as lógicas hegemônicas e dominantes da nossa sociedade patriarcal. E um dos

¹⁴ <https://www.instagram.com/handmaidsbrasil/> Acesso em: 10/05/2021

princípios do rizoma é o de ruptura a-significante, é o que pode ser rompido, quebrado em qualquer lugar, uma linha de fuga. Nesse princípio, é onde há a ruptura, o rompimento:

Há rupturas no rizoma cada vez que linhas segmentares explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma. Estas linhas não param de se remeter umas às outras. É por isto que não se pode contar com um dualismo ou uma dicotomia, nem mesmo sob a forma rudimentar do bom e do mau. Faz-se uma ruptura, traça-se uma linha de fuga, mas corre-se sempre o risco de reencontrar nela organizações que reestratificam o conjunto, formações que dão novamente o poder a um significante, atribuições que reconstituem um sujeito – tudo o que quiser, desde as ressurgências edípicas até as concreções fascistas (DELEUZE; GUATARRI, 2002, p. 18).

Quando os filósofos falam de “concreções fascistas”, estão se referindo aos microfascismos que existem em todos nós, que esperam ser cristalizados. Uma das personagens mais intrigantes da série é Serena, uma mulher, que escreveu um livro sobre feminismo doméstico, que foi precursora da criação de Gilead e foi excluída de tudo após o golpe, sem mesmo poder se manifestar, ler ou escrever.

Serena se prepara para o evento com os convidados diplomatas do México. Já no salão de festa, todos arrumados esperam as Aias. Ela pede a Tia Lídia que separe as “defeituosas” para que não participem da apresentação.

Serena: “Boa tarde a todos, quero dar as boas-vindas aos nossos convidados. Hoje celebramos Gilead e tudo que alcançamos, tivemos grandes avanços na limpeza do meio ambiente, e na restauração do modo moral e saudável de vida. E me orgulho do que deixaremos para as futuras gerações. Mas sabemos que nada disso importa, se não pudermos resolver nosso problema mais eminente e finalmente começarmos a fazer isso. Com a benção de deus e a devoção de um grupo de meninas. Por favor levantem-se, hoje honramos a contribuição de todas. E para os nossos convidados, temos uma surpresa especial. É uma honra apresentar a todos as crianças de Gilead, todas trazidas pelas Aias”.

Todos se emocionam quando as crianças entram no salão, assim Offred descobre que na verdade não há interesse em comercializar laranjas, mas sim, Aias.

Os fascismos e microfascismos, seguem mantendo doutrinas e lógicas significantes. Com isso, podemos questionar: o que faz uma mulher oprimir outras mulheres? O que está em jogo no discurso sobre restauração do modo moral e saudável de vida? Essa moral ainda está presente em nós, mulheres?

Federici (2017), em suas análises, fala sobre uma “reforma moral” que está ligada com a ascensão do protestantismo e do catolicismo. A relação entre os indivíduos e Deus foram

privatizadas, “nas regiões protestantes, por meio das instituições de uma relação direta entre o indivíduo e a divindade; nas regiões católicas, com a introdução da confissão individual” (FEDERICI, 2017, p. 162). Diante disso, nota-se que a transição do feudalismo para o capitalismo se sustentou em bases de medo e terror, ampliando assim o aumento da intervenção do Estado com relação a classe, reprodução e força de trabalho.

Convém lembrar que na época da “caça às bruxas” um dos pontos cruciais era a moral da mulher. Várias características eram consideradas perigosas para a ordem social, como terem suas vidas sexualmente livres, “a sexualidade feminina tinha que ser exorcizada” (FEDERICI, 2017, p. 343). Mecanismos como tortura, fogueira, humilhações públicas, exorcismos, fizeram parte do que a autora chama de “repressão sexual” baseada em censura e violência, teve início durante os séculos XVI e XVII, conforme fora destacado no decorrer deste estudo:

A linguagem da caça às bruxas “produziu” a mulher como uma espécie diferente, um ser *sui generis*, mais carnal e perverso por natureza. Também podemos dizer que a produção da “mulher perversa” foi o primeiro passo para a transformação da *vis erótica* feminina em *vis lavorativa* – isto é, um primeiro passo na transformação da sexualidade feminina em trabalho (FEDERICI, 2017, p. 345, grifos da autora).

Diante desses mecanismos de tortura que as mulheres consideradas bruxas sofreram para terem suas sexualidades aprisionadas, há uma aproximação com as punições sofridas pelas Aias. Punições como dedos, mãos cortadas, olhos retirados, para garantir que seus corpos sirvam apenas para a procriação. Vale o questionamento sobre as liberdades sexuais das mulheres, pautas de vários movimentos feministas: será que essa liberdade existe? Estamos perto de nos tornarmos livre? O que seria essa liberdade?

A racionalização capitalista trouxe às mulheres a “transformação da atividade sexual feminina em um trabalho a serviço dos homens e da procriação” (FEDERICI, 2017, p. 346). Nesse sentido, toda relação sexual que não estivesse relacionada com a procriação era condenada e julgada. Foi nesse contexto que surgiu a figura mitológica da “velha bruxa”, que vemos na literatura, nos filmes e desenhos animados (até hoje), até mesmo em livros usados nas escolas pelas professoras.

A figura dessa bruxa foi sendo associada a luxúria, perversão, e no imaginário das pessoas foi criado uma repulsa a essa mulher, velha, feia e infértil... “acaso há algo mais odioso que ser uma velha lasciva? O que pode ser mais absurdo? E, entretanto, é tão comum [...] É pior nas mulheres que nos homens” (FEDERICI, 2017, apud BURTON, 1997, p. 56). Essas afirmações eram comuns por parte dos demonólogos que levavam sempre o discurso

moralista para embasar suas opiniões e verdades. É muito comum ainda hoje ouvirmos “Se é feio para o homem, imagina para a mulher!”, ou seja, ainda há muitos resquícios desse tipo de discursividade em nossa sociedade. Teríamos nós, hoje, nos livrado desse discurso moralista, demonizador da mulher? As mulheres jovens têm suas liberdades sexuais exercidas? E as mulheres mais velhas? Pelo menos no período da caça às bruxas tanto as jovens quanto as velhas tiveram suas sexualidades minadas, as velhas mais que as outras (FEDERICI, 2017). O que vemos nos dias de hoje, apesar das lutas a favor da liberação sexual no auge do movimento feminista, é que nas discursividades relacionadas à sexualidade da mulher ainda há um tabu, uma repressão, quanto ao uso do próprio corpo. As pesquisas relacionadas a esses temas têm aumentado, sobre a mulher e seu corpo a indústria da “beleza”, por meio de cobranças e imposições para se ter um corpo estético perfeito e não uma liberdade em usá-lo em suas mais variadas expressões.

A caça às bruxas não só condenou a sexualidade feminina como fonte de todo mal, mas também representou o principal veículo para levar a cabo uma ampla reestruturação da vida sexual, que, ajustada à nova disciplina capitalista do trabalho, criminalizava qualquer atividade sexual que ameaçasse a procriação e a transmissão da propriedade dentro da família ou que diminuísse o tempo e a energia disponíveis para o trabalho (FEDERICI, 2017, p. 350).

Nas suas análises, a escritora nos força a pensar que a transição do sistema feudalista para capitalista e as mudanças nas formas de trabalho impactaram direta e dolorosamente na vida das mulheres. Inclusive, Federici (2017), pontua que A crise demográfica causada pela Peste Negra também foi um dos fatores que esteve interligada a esse processo, por conta da queda de natalidade.

Logo após o encontro dos líderes de Gilead com os representantes do México, a apresentação das Aias e das crianças, a embaixadora se despede de Offred, que se sentindo culpada pelo seu silenciamento, no impulso faz um desabafo com a esperança de ser salva daquele lugar.

Offred: “Esse é ... um lugar brutal. Somos prisioneiras, se fugirmos tentam nos matar, ou pior, nos batem, usam ferro quente, para fazer com que nos comportemos. Se nos flagram lendo, nos cortam um dedo. Se repetir o ato, cortam a mão toda. Arrancam nossos olhos, eles... nos aleijam das piores formas que puder imaginar. Eles me estupram. Todo mês. Quando posso estar fértil. ”

Embaixadora: “Sinto muito, mas não posso ajudar”

Offred: “Pelo que irá nos trocar? Pela porra do chocolate? Somos seres humanos. Como pode fazer isso?”

Embaixadora: “Eu sou de Xipica, Offred, uma cidade legal. Quase do tamanho de Boston. Nenhuma criança nasceu viva em Xipica nos últimos seis anos. Meu país está morrendo”

Offred: “Meu país já está morto.

A queda de natalidade que ocorre em Gilead, e no mundo, é um dos argumentos utilizados para legitimar o aprisionamento dos corpos das mulheres férteis em *O Conto da Aia*. O episódio “Lugar de Mulher” mostra que além de usar as Aias, há interesse em comercializá-las com outros países, firmando acordos políticos e econômicos.

Retomando as análises realizadas por Federici, ressaltamos que o ápice da crise demográfica e econômica, na Europa, foi em 1620 e 1630. As colônias também entraram em colapso, pois houve o aumento do desemprego, resultando em uma crise econômica internacional. Nesse contexto é que surge “os primeiros elementos de uma política populacional e um regime de biopoder” (FEDERICI, 2017, p. 169). Com efeito, o que há é um aumento exorbitante da condenação das práticas que evitassem o nascimento de crianças.

O crescimento populacional era o desejo do Estado naquela conjuntura. A procriação começou a ser regulada, tanto com a caça às bruxas como com outros métodos disciplinares. Uma das acusações frequentes eram que as mulheres/bruxas sacrificavam seus filhos, o medo das mendigas, curandeiras era aumentado a cada instante. Havia uma associação entre riqueza e crescimento populacional naquela época. A Igreja Católica teve papel fundamental nesse processo. Não obstante isso, a Reforma Protestante também cumpriu seu papel de incentivar a sexualidade para a procriação. A opinião de Lutero era que “quaisquer que sejam suas debilidades, as mulheres possuem uma virtude que anula todas elas: possuem um útero e podem dar à luz” (FEDERICI, 2017, apud KING, 1991, p.155). Assim, o fanatismo pelo crescimento populacional só aumentava.

Essa política populacional foi se estruturando de maneira que no século XVIII surge uma medicina que normaliza a higiene, medicalização e tratamentos. Consequentemente, nasce uma preocupação com a cidade, “É um novo corpo: corpo múltiplo, corpo com inúmeras cabeças, se não infinito pelo menos necessariamente numerável. É a noção de “população” (FOUCAULT, 1976, p. 292).

Segundo Foucault, houve uma transformação do direito da soberania, que era fazer morrer ou deixar viver, para o “direito de fazer viver e deixar morrer” (FOUCAULT, 1976, p.

287), que é o biopoder, a biopolítica. Surge, então, uma nova tecnologia de poder. Essa noção também está relacionada com a noção de população, como “problemas políticos”, como fenômenos que acontecem aleatoriamente, em um plano coletivo, “é da natalidade, da morbidade, das incapacidades biológicas diversas, dos efeitos do meio, é disso tudo que a biopolítica vai extrair seu saber e definir o campo de intervenção de seu poder” (FOUCAULT, 1976, p. 292).

Essa tecnologia de poder e reguladora está relacionada à população, fenômenos coletivos, estatísticas, “vai ser preciso modificar, baixar a morbidade; vai ser preciso encompridar a vida; vai ser preciso estimular a natalidade” (FOUCAULT, 1976, 293). O filósofo afirma que surgem os mecanismos disciplinares e os mecanismos regulamentadores que conduziram uma política de controle sobre a higiene, sexualidade, procriação das pessoas:

A sexualidade se insere e adquire efeito, por seus efeitos procriadores, em processos biológicos amplos que concernem não mais ao corpo do indivíduo, mas a esse elemento, a essa unidade múltipla constituída pela população. A sexualidade está exatamente na encruzilhada do corpo e da população. Portanto, ela depende da disciplina, mas depende também da regulamentação (FOUCAULT, 1976, p. 300).

Entorno da sexualidade, se criou várias punições, as doenças sexuais, por exemplo, e a medicina se tornou uma das instituições da biopolítica graças aos seus argumentos considerados científicos e biológicos.

Na distopia, *O Conto da Aia*, um dos mecanismos de controle é a sexualidade. No decorrer dos episódios segue-se mapeando e tornando visível o que retrata a limitação das mulheres na vida social. No sistema capitalista o trabalho do homem é mais valorizado, tem maior prestígio, e ainda é comum vermos mulheres com a obrigação de “cuidar da casa”, “cuidar do marido”, como se fossem obrigações naturais e que não necessitam de remuneração.

6 THE OTHER SIDE (O OUTRO LADO)

Durante o golpe em Gilead, muitas pessoas fugiram ou tentaram fugir para o Canadá. Luke e June tentam fugir da cidade. Um amigo tenta ajudar, colocando Hannah na mala do carro, para fugir. Na tentativa de fuga, June fica desesperada, pois ouve vários carros de polícia circulando. Com Hannah dopada, chegam ao destino. Conseguem se hospedar em uma casa bem distante, isolada, com fogão e lareira e algumas poucas comidas.

Whitfid: “Fiquem aqui, há muitas patrulhas lá fora, não é seguro para meninas (ensinando Luke a usar uma arma).

Luke: “Não precisamos de passaporte, temos visto”

Whitfid: “Cara, seu passaporte não tem mais valor algum”.

Nesse momento Luke se deu conta do que realmente estava acontecendo naquela cidade, e como ele e sua família estavam em perigo, principalmente sua filha, uma criança, uma menina. Havia uma extrema vulnerabilidade imposta às crianças e mulheres em Gilead. Além da tensão causada por policiais armados em toda parte.

A série faz com que nos aproximemos do livro da historiadora Federici (2017), visto que nos remete a um tempo onde se deu o início da vigilância aos corpos das crianças, na França e Alemanha. O Estado fazia das parteiras suas espiãs, isto é, elas eram obrigadas a passar todas as informações da família e da gravidez, deveriam ter o controle das que eram nascidas fora do casamento. Informações sobre a amamentação eram controladas. Essa vigilância não era feita somente pelas parteiras, mas também pelos parentes e vizinhos, principalmente nos países e cidades protestantes. Estes eram induzidos a vigiar e informar se entrava algum homem na casa da mulher ou não, “Na Alemanha, a cruzada pro-natalista atingiu tal ponto que as mulheres eram castigadas se não faziam esforço suficiente durante o parto, ou se demonstravam pouco entusiasmo por suas crias (FEDERICI, 2017, apud RUBLACK, 1996, p. 92).

Pode parecer algo simples essa vigilância descrita acima, mas até o final do século VXIII mulheres eram executadas por acusação de infanticídio, e esse massacre durou em média duzentos anos na Europa, consolidando assim a “escravização das mulheres à procriação” (FEDERICI, 2017, p. 178). Vale ressaltar que na Idade Média a mulher tinha um total controle sobre o seu corpo e o parto, e usavam contraceptivos, mas perderam seus corpos e úteros para os homens e para o Estado, “a procriação foi colocada diretamente a serviço da

acumulação capitalista” (FEDERICI, 2017, p. 178). Muitas mulheres nessa época tiveram seus filhos leiloados por não terem condições financeiras de criar. Nesse contexto, o corpo da mulher foi aprisionado como se fosse uma “máquina natural de produção”. A autora frisa que essas análises estavam fora dos estudos de Marx sobre a acumulação primitiva, ou seja, ele ignorou o fato da procriação ser um mecanismo de exploração e conseqüentemente de resistência.

Um exemplo de resistência nessa época, analisada por Federici, foi nas *plantations*, as escravas em algumas fazendas se recusavam a procriar, o que fez com que as taxas de nascimento permanecessem baixas.

A recusa das mulheres quanto à vitimização também reconfigurou a divisão sexual do trabalho, assim como ocorreu nas ilhas do Caribe, onde as mulheres escravizadas tornaram-se semilibertas vendedoras de produtos que elas cultivavam nas “roças” (chamadas de polink na Jamaica) entregues pelos fazendeiros aos escravos para que pudessem se sustentar (FEDERICI, 2017, p. 228).

Sendo assim, a historiadora nos mostra casos pontuais de resistência em suas análises. Em meados do século XVIII, as mulheres escravizadas no Caribe contribuíam fortemente com a economia das *plantations*, “também tiveram impacto decisivo na cultura da população branca, especialmente na das mulheres brancas, por meio de suas atividades como curandeiras, videntes, especialistas em práticas mágicas...” (FEDERICI, 2017, p. 230). Ou seja, algo próximo do que encontramos em alguns episódios da série que retrata tentativas de fuga daquela cidade.

June, Luke e sua filha passam a ser procurados pelos meios de comunicação. Os guardiões recebem ordens para encontra-los. Assim, quando June e sua filha são pegas Luke consegue fugir, mas perseguido por policiais leva um tiro na barriga. Em meio a correria a ambulância em alta velocidade vira em um lago. Luke sobrevive, pega a arma e ameaça o policial, mas o policial morre. Ele anda por quilômetros e encontra uma casa abandonada, lá se aquece e dorme.

Conversando com Foucault (2014) e seu trabalho sobre *O Sujeito e o Poder*, podemos dizer que Gilead tomou uma forma patológica e se tornou “doente do poder”, como exemplos o filósofo cita que o fascismo e o estalinismo, são sociedades que tiveram mecanismos. Ele propõe uma análise separada em diversos campos, como loucura, sexualidade, crime, dentre outros. Só existe poder porque existe resistência. Para ele essas lutas antiautoritárias são transversais e anárquicas, “não são limitadas a um país”, “o objetivo dessas lutas são efeitos

de poder enquanto tal”, “são lutas imediatas”, “questionam o estatuto do indivíduo” e “são uma oposição aos efeitos de poder relacionados ao saber” (FOUCAULT, 2014, p. 234).

Todas essas lutas contemporâneas giram em torno da questão: quem somos nós? Elas são uma recusa a estas abstrações, do estado de violência econômico e ideológico, que ignora quem somos individualmente, e também uma recusa de uma investigação científica ou administrativa que determina quem somos.

Em suma o principal objetivo dessas lutas é atacar, não tanto “tal ou tal” instituição de poder ou grupo ou elite ou classe, mas, antes, uma técnica, uma forma de poder (FOUCAULT, 2014, p. 235).

Quando pensamos em poder e resistência, devemos pensar nas microrrelações de poder do dia a dia. A relação poder/saber também nos faz repensar sobre a perda dos saberes das curandeiras na caça às bruxas, uma vez que elas passaram a ser extremamente perseguidas e consideradas bruxas. O conhecimento empírico relacionado a ervas e remédios naturais foi se perdendo drasticamente, fazendo emergir a medicina profissional masculina que não contemplava todas as classes sociais. O mundo das bruxas foi aniquilado, ou seja, “a caça às bruxas chegou ao fim, no final do século XVII, porque a classe dominante, nesse período, desfrutava de uma crescente sensação de segurança com relação ao seu poder” (FEDERICI, 2017, p. 365). Segundo algumas teorias, o surgimento do método científico moderno foi um dos fatores que resultaram na caça às bruxas.

Duas mulheres entraram na casa abandonada que Luke estava dormindo, dando-lhe chutes. Elas estavam fugindo também e achavam que ele era um Guardiã. Quando convencidas que ele também estava fugindo ajudaram a tirar a bala do seu corpo, e disseram que estavam indo para o Canadá.

Luke: Quem são vocês?

Desconhecido: “Um filho de milico, dois pulguentos, um gay e uma freira”

Durante a conversa um deles falava que havia um centro de detenção com 50 mulheres, e que sobrou uma. E que provavelmente estavam procurando mulheres férteis. Luke tenta sair da van, para voltar para Boston, já no meio da estrada a desconhecida leva Luke a uma casa grande e abandonada e tenta convence-lo a não voltar:

“A cidade resistiu. Tentaram colocar as mulheres férteis aqui, mas os guardiões as pegaram e enforcaram todo o resto. Há um lugar assim em toda cidade, é isso que fazem com quem resiste (vários corpos pendurados). O governo tem pessoas no Canadá, podem ajudar a encontra-las e libertá-las, se você voltar, você vai morrer”. Luke contrariado fica na van e segue.

Nessa cena, é interessante perceber que o golpe em Gilead não foi assistido passivamente, mas sim com resistências por parte de vários grupos sociais. A força e a violência foram usadas para coagir e aprisionar as pessoas, principalmente as mulheres e as crianças. As pessoas que ousavam ser contra a implantação do novo sistema eram mortas ou eram enviadas para as Colônias.

As inúmeras formas de resistências retratadas nas cenas na República de Gilead, nos forçam o pensamento e nos remetem à noção de rizoma, pois a conexão de qualquer ponto a outro, diferente da raiz que fixa em um ponto só de maneira centralizada, “cadeias semióticas de toda natureza são aí conectadas a modos de codificação muito diversos, cadeias biológicas, políticas, econômicas, etc., colocando em jogo não somente regimes de signos diferentes, mas também estatutos de estados de coisas” (DELEUZE; GUATARRI, 1995, p. 14). Além disso, “um rizoma não cessaria de conectar cadeias semióticas, organizações de poder, ocorrências que remetem às artes, às ciências, às lutas sociais” (DELEUZE; GUATARRI, 1995, p. 14).

No episódio “The Other Side”, há uma cena em Toronto-Canadá, três anos após a fuga de Luke, na qual ele pensa que June e sua filha estão mortas. Na ocasião, ele recebe uma ligação de uma instituição do governo do Canadá que acolhe refugiados vindo de Gilead. Ao chegar à instituição, uma mulher o atende e entrega um bilhete que recebera há três semanas atrás. Luke lê o bilhete e se emociona: “*Eu te amo, muito, salve a Hannah!*”.

7 JEZEBELS (JEZEBELS)

Luke está vivo, eu estendo os meus braços para ele, mas ele se vai. Como um fantasma ao amanhecer. E sou deixada aqui. Gostaria que esta história fosse diferente. Gostaria de mostrar uma melhor versão de mim. Em uma história diferente. Talvez uma em que não fosse tão fraca e indefesa. E então tenho que voltar para Nick. Dia após dia, por conta própria. Eu quero conhecê-lo, memorizá-lo, para que eu possa me lembrar dele depois. Eu deveria ter feito isso com Luke, pois ele está desaparecendo. Dia após dia, noite após noite, ele se esvai. E vou perdendo a fé. Eu diria que atos de rebelião, um foda-se ao patriarcado, mas são desculpas. Eu estou aqui porque me faz bem e porque não quero ficar só (Offred – episódio 8).

Offred no decorrer dos dias, passou a manter um relacionamento escondido com Nick, o motorista, o Olho, o Guardião. Apesar do relacionamento, ela não sabia nada sobre ele, era tudo uma incógnita. Os dois corriam o risco de serem mortos caso fossem descobertos, afinal, Nick era da alta confiança do Comandante Fred. No decorrer dos episódios, pouco a pouco, vamos começando a entender sua história. Antes do golpe sua vida era difícil, estava desempregado e seu irmão era alcoólatra. Assim, ele vai a uma agência de conselhos profissionais tentar um emprego e conhece um cara chamado Pryce que o chama para tomar um café.

Pryce: “É difícil em uma sociedade que só se preocupa com lucro e prazer, não é de se admirar que Deus tenha virado as costas para nós, não é de se admirar que não tenha crianças. Ele não quer que elas cresçam nesse mundo arruinado. Quem pode culpa-lo? ”.

Nick: “Não há nada que possa fazer para consertar as coisas”.

Pryce: “Está errado. Existe um grupo que quer consertar as coisas, limpar esse país. Temos sedes em trinta estados. Eu dirijo uma delas. Somos chamados de filhos de Jacó. Venha comigo para uma reunião. Acho que vai gostar do que vai ouvir. Quem sabe, talvez tenha um emprego para você. Não está sozinho Nick”.

Com o passar do tempo, e com a concretização do plano e do golpe, Nick conseguiu a confiança de um grupo de homens poderosos, os “filhos de Jacó”, e se tornou um Olho. Os Olhos em Gilead são os que vigiam tudo e todos, ninguém sabe quem são eles, pois eles não se identificam enquanto tal. Poderíamos dizer que os Olhos são como a polícia.

Segundo Foucault (2008), a função da polícia nos séculos XVII e XVIII era diferente da que conhecemos na atualidade, e passou por um processo histórico de mudanças. Naquela época, eram responsáveis por uma série de incumbências, como, se ocupar da “religião, costumes, a saúde e os meios de subsistência, a tranquilidade pública, o cuidado com os edifícios, as praças e os caminhos, as ciências e as arte liberais [...]” (FOUCAULT, 2008, p.

450), além do “cuidado e a disciplina dos pobres”, “controle dos pobres”. Em suas análises, o filósofo afirma que a polícia é uma instituição, no sentido de só existir nas cidades, uma espécie de regulamentação urbana.

Como vimos acima, a polícia teve a função de organização do território e consolidação das cidades, “há cidades porque há polícia, e é porque há cidades tão perfeitamente policiadas que se teve a ideia de transferir a polícia para a escala geral do reino. ‘Policiar’, ‘urbanizar’ [...]” (FOUCAULT, 2008, p. 452). Ele afirma que a instauração da polícia está associada a uma prática governamental, além disso, o mercantilismo fortaleceu o poder dos Estados europeus:

exige, primeiro, que cada país procure ter a população mais numerosa possível; segundo, que essa população seja inteiramente posta para trabalhar, terceiro, que os salários pagos a essa população sejam inteiramente posta para trabalhar; quarto, que os salários pagos a essa população sejam os mais baixos possíveis [...] os preços de custo das mercadorias sejam os mais baixos possíveis ... (FOUCAULT, 2008, p. 452).

A arte de governar foi se alinhando nesse contexto juntamente com a polícia. Quando pensamos com Gilead, percebemos que antes dos ataques à Casa Branca, ao Supremo e outras instituições do Estado, houve um recrutamento de homens com certos valores morais que se identificaram com os Filhos de Jacó. A partir desse recrutamento, armamento, treinamentos, formaram-se os Guardiões, os Olhos. Nota-se, portanto, que vários mecanismos de controle e vigilância dos corpos das mulheres foram pensados a partir dessa organização, sempre tendo a procriação como foco.

Uma das primeiras intervenções do governo de Gilead foi pensar o controle dos corpos das mulheres no sentido de aumentar a natalidade, pensamos que o papel da polícia foi decisivo nesse processo, e retomando aqui essa discussão FOUCAULT (2008, p. 457) desassocia polícia de justiça “polícia é a governamentalidade direta do soberano como soberano”, ela é determinante na instauração da regulamentação, do controle, das normas de conduta.

A própria governamentalidade passou por reconfigurações, e passou a ter interesse na terra, e não no mercado, pensando na lógica de um retorno ao produtor e ao camponês. A produção toma o lugar da circulação, o interesse se tornou o “ganho com a venda”. A noção de governamentalidade nos auxilia na compreensão do seguinte questionamento: como, e sob quais condições os sujeitos devem ser governados? E quais os tipos de poder que trazem essa

noção? Todas essas questões estão atreladas a transição do feudalismo para o capitalismo, e não foi um momento pacífico.

Em um dos encontros dos filhos de Jacó, Nick estava presente como motorista e já sendo de confiança dos líderes. Durante a conversa, começaram a cogitar como seria a consolidação do controle dos corpos das mulheres:

Pryce: Devemos tratá-las com respeito, de modo divino, apesar dos pecados de suas vidas anteriores.

Guthrie: Precy, vá com calma, não podemos bancar com todo esse embelezamento. A raça humana está em risco. O que importa é eficiência.

Fred: E o que propõe?

Precy: Não é física quântica. Todas as mulheres férteis devem ser coletadas e engravidadas. Pelos de maior status, claro.

Fred: As esposas não aceitariam.

Pryce: Talvez a esposa deva estar presente. Para o ato. Não seria tanta violação. Há precedente bíblico.

Fred: Ato não seria o melhor nome, em termos de marketing, “a cerimônia”?

Guthrie: Melhor, bom e divino. As esposas aceitariam essa besteira.

Fred: Levaremos ao comitê depois do almoço, para que passe pelas autoridades.

Nessa conversa acima surgiu um mecanismo de controle para as mulheres que futuramente se tornariam as Aias, a cerimônia. Um mecanismo criado pelos governantes, fundamentado em uma moral cristã. A polícia e o exército tiveram um papel fundamental na imposição à força a população de Boston.

Não podemos deixar de mencionar que ainda hoje a polícia age de maneira truculenta, aqui no Brasil. As mídias sociais e televisivas diariamente mostram o encarceramento brutal aos corpos de mulheres negras, transexuais, travestis, gays, lésbicas e prostitutas.

A prostituição tem a sua história também na transição do feudalismo para o capitalismo atrelada a caça às bruxas. Em Madrid, por volta do ano de 1931, vários panfletos eram distribuídos nas ruas com o objetivo de induzir os homens a violentarem as mulheres “muitas mulheres vagabundas estavam agora perambulando pelas ruas da cidade, becos e tavernas atijando os homens a pecar com elas” (FEDERICI, 2017, apud VIGIL, 1986, p. 114). Já na França, no século XVI, o estupro em prostitutas não era considerado crime.

Segundo Federici (2017), a misoginia aumentou quando as mulheres foram excluídas do mundo do trabalho, a literatura também as demonizava, eram consideradas desobedientes, juntamente com o apoio e incentivo das autoridades.

Serena viaja para visitar sua mãe. Fred aproveita sua ausência e vai ao quarto de Offred e aproveita para fazer coisas que em Gilead são extremamente proibidas e passíveis de punições. Depila as pernas de Offred, entrega umas maquiagens, um vestido e um salto alto. As Aias são proibidas de usar esses acessórios. Quando ela interroga o porquê disso, ele diz que será uma surpresa. Os dois entram no carro, Nick dirige até uma barreira policial. Fred mostra sua carteira de Comandante e passa tranquilamente por ela. Offred em um misto de tensão com curiosidade.

Quando chegam ao destino e entram em um prédio, Offred se choca com a cena, mulheres seminuas, homens bem vestidos com bebidas caras, garçons servindo as pessoas.

Offred: Pensei que esses tipos de lugares fossem proibidos.

Fred: Oficialmente são.

Offred: E não oficialmente?

Fred: Nós fechamos os olhos, afinal todo mundo é humano. Vamos pegar uma bebida para você. Uma não vai matar. Não pareceria certo se você não bebesse.

Offred: Quem são todas essas pessoas?

Fred: Policiais, funcionários superiores e visitantes estrangeiros claro, para estimular a diplomacia e os negócios. Advogadas, jornalistas... aquela era professora de sociologia... todas aquelas que não conseguiram assimilar.

Os dois entram em um quarto e fecham as portas.

Em Gilead, as interdições são inúmeras, desde as roupas que podem ser usadas, ao que pode ser dito e não dito. No decorrer dos episódios podemos pensar acerca dos dispositivos que mantém o assujeitamento das mulheres, bem como seus discursos. A forma de governar dos Filhos de Jacó articula mecanismos de controle e normalização sobre os corpos das mulheres.

Serena chega de sua viagem e entrega um presente, uma caixinha de música com uma bailarina dentro. Offred escreve no canto do guarda roupa: “Você não está sozinha”, “se essa é a história que estou contando, devo contar a alguém. Sempre tem alguém, mesmo quando não tem ninguém. Eu não serei aquela garota da caixa”.

Todas as mulheres de Gilead são proibidas de ler e escrever. Offred, por sua vez, aproveita toda oportunidade que tem para usar algum objeto perfurante para gravar algumas

palavras na parte de baixo da porta do guarda roupa. Quando ela escreve “você não está sozinha”, escreve pensando em uma comunicação com a futura Aia que pode morar naquele quarto.

Em meios a essas interdições Offred produz subjetividades outras. “O conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como território existencial auto referencial, em adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade ela mesma subjetiva” (GUATTARI, 1992). A personagem age individualmente e coletivamente em algumas situações, dentro do maquinário social que é Gilead. A postura ética, política e de micro resistência de Offred, se dá em uma produção processual contínua, dentro e fora da casa do Comandante Fred.

8 THE BRIDGE (A PONTE)

“Ao que diz respeito à propriedade de sua Aia, eis que, daqui em diante, todas as gerações me chamarão de bendito. Então as Aias se aproximaram, acompanhadas de suas crias... e curvaram-se. Que o senhor demonstre gentileza e fidelidade eu também demonstrarei com o mesmo fervor. Que o senhor lhes abençoe e fortaleça” (Comandante Warren –episódio 9).

Assim que a passagem foi lida pelo Comandante, era a hora da Aia entregar o bebê a ele e à sua Esposa. Tia Lídia acompanhando o ritual, percebe a resistência de Ofwarren em entregar a criança. O comandante pede com calma: “nós sempre cuidaremos bem dessa criança”. Ofwarren entrega o recém-nascido.

Todas as Aias da cidade ficam na porta esperando Ofwarren para se despedir, pois depois do parto a Aia vai morar na casa de outro comandante. Offred pergunta a Tia Lídia se ela está bem, “ela é mais forte que você possa imaginar”. Tia Lídia viaja com Janine e a deixa na casa do seu novo comandante Daniel, “agora seu nome é Ofdaniel”, diz Tia Lídia.

Abalada, Ofdaniel, não consegue realizar a Cerimônia, agride o Comandante e foge.

Os Comandantes em Gilead exercem o papel do Estado, atuam como políticos e legisladores. A forma de governar do período retratado pela série *O Conto da Aia*, também passou por uma transição. A noção de biopolítica de Foucault nos ajuda a pensar o momento presente, pois sendo um conjunto de mecanismos e procedimentos tecnológicos de saber/poder que tem como objetivo manter e ampliar uma relação de dominação da população, por entre as relações sociais, nos força o pensamento sobre como os corpos e as vidas das mulheres são administradas, governadas.

A noção de biopolítica nos auxilia no rompimento com as dicotomias das distinções ideológicas, e também entender como esse poder estatal investe na multiplicação da vida e em contrapartida pratica o aniquilamento dessas mesmas vidas. A partir do século XIX, as condutas individuais já não importavam, mas sim, a das populações. A docilidade do corpo não é mais o foco, mas o corpo social. Em *História da Sexualidade*, Foucault fala sobre o dispositivo sexualidade, e aponta os mecanismos do sexo, da reprodução, do discurso discursivo biológico, “o sexo razão de tudo” (FOUCAULT, 1988, p. 76).

O sexo, no decorrer dos tempos, se tornou um dispositivo para regular os fenômenos da população. Apesar de termos a impressão que ele foi e é carregado de repressões, não é

isso de fato que acontece. Foucault, em sua pesquisa sobre a sexualidade, nos mostrou que em sua análise o sexo está relacionado a um saber e poder, e não a uma repressão jurídica. Ele entende o poder não como as instituições ou o Estado, mas:

Como a multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça. Inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas, ou ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemônias sociais. (FOUCAULT, 1988, p. 88-89).

O poder é produzido a todo momento, e está em todas as microrrelações, no nosso dia a dia, uma das suas características, é que “onde há poder há resistência” (FOUCAULT, 1988, p.91), ou seja, inúmeras resistências.

Offred aproveita o encontro com as outras Aias e fala com Alma

Offred: Quero ajudar

Alma: Com o que?

Offred: Com o mayday.

Alma: Não tenho a menor ideia do que está falando.

Horas depois, quando se reencontram no mercado, Alma diz que não poderia ter falado naquele momento porque tinham muitos Olhos e Guardiões por perto. Pede que Offred dê um jeito de voltar a “ Casa de Jezebel”, e conseguir um pacote com Rachel, a garota do bar.

Offred: Como sabem que eu estive lá?

Alma: Não sei, apenas sabem. Você pode?

Offred: O que tem no pacote

Alma: Só sei que é importante e não abra. Esconda-o até que entrem em contato.

Offred vai ao escritório e convence Fred a voltar na Casa de Jezebel. Diz que gostou do que aconteceu e se sente grata. Chegando lá ele diz que sabe muito bem que ela foi encontrar outra pessoa, leva Moira até o quarto. Offred pede que ela a ajude a pegar o pacote no bar. Moira diz que só quer sobreviver àquilo tudo, e que não pode fazer favor algum.

Offred: Moira achei que estivesse morta, que tinham amarrado você até apodrecer. Isso acabou comigo. Você jurou que acharíamos a Hannah, não deixem que te ponham para baixo, aguente firme, lute!”.

Quando assistimos as cenas da série, em um primeiro momento, percebemos um regime ditatorial com inúmeras interdições, proibições, leis, onde as personagens não podem sequer conversar, fazer perguntas, ler ou escrever. No decorrer das análises é visível o quanto alguma Aias, Esposas, Comandantes, criam suas próprias brechas para fugir das linhas duras de Gilead. Muitas proibições ou regras são ignoradas quando se torna uma questão de sobrevivência. As Aias não podem ter relações sexuais ou qualquer tipo de relacionamento com outras pessoas, no entanto, quando seus Comandantes são inférteis e não conseguem engravidá-las, várias situações são criadas, até mesmo pelas Esposas, para que as Aias engravidem de um outro homem.

Em Gilead também existe um “mercado negro”, como as personagens chamam. Nesse mercado são comercializadas coisas proibidas, como cosméticos e testes de gravidez. Mesmo com a normatização da sexualidade das pessoas, a “Casa de Jezebel” é um lugar onde tudo é permitido. É a casa que os líderes, comerciantes, estrangeiros e até mesmo os Comandantes vão para saciar seus desejos e fetiches sexuais. Nos cochichos de algumas Aias é possível perceber a existência de um grupo, um coletivo, algo que elas chamam de *mayday*, mas que não fica claro o que exatamente pode ser, e quem são as pessoas que organizam esse grupo.

Serena vai à cozinha e pergunta à Marta se Offred já pediu os absorventes do mês. A Marta responde que não, e diz que reza todos os dias por uma boa notícia. Conta a Serena que tinha um filho, de 19 anos, que morreu na guerra.

Serena: Curvo-me diante do sacrifício de seu filho. Bem-aventurados os que choram, pois serão consolados.

Serena acorda Offred às pressas. Ofwarren está em cima da ponte com seu bebê, e ameaça se jogar. Os guardiões tentam fazer com que ela desça da ponte e desista de se jogar. Serena, Fred e Offred chegam nessa hora. Fred pede que deixem Offred intervir...

Ofwarren (Janine): Todos pensam que sou louca, mas não sou.

Offred: É incrível que todas não sejamos loucas, nesse lugar. Janine, mudanças virão, há esperança. Tudo isso, acabará um dia, e tudo voltará ao normal. E vamos sair juntas, vamos sair para beber. Você e eu. Vamos sair e ficar bêbadas, sair para dançar e veremos o sol nascer.

Ofwarren: Podemos ir a um karaokê. Quem iria querer dançar comigo? Venha comigo, não deve doer tanto, vão ser só uns segundos e estaremos livres.

Ofwarren: Não posso, desculpe-me, não posso por causa da minha filha. Janine tem que fazer o melhor pela sua filha, tem que dar a ela a chance de crescer.

Ofwarren: Eu te amo muito (cochicha no ouvido da recém-nascida), garanta que ela saiba disso Offred, por favor.

Offred: Eu prometo.

Ofwarren entrega o bebe a Offred e se joga da ponte...

Outra questão que a série levanta é que alguns corpos não se deixam controlar. No caso de Ofwarren, é uma personagem que a todo instante questiona as regras de Gilead e por isso sofre severas punições, pois apesar de questionar ela acredita de maneira inocente em Gilead. Em uma cena do primeiro episódio, a Aia que se chamava Janine foi punida apenas por rir em seu treinamento, e em função disso teve um de seus olhos retirados. Algumas Aias escapam de uma outra forma, por isso objetos considerados “perigosos” não são permitidos.

Apesar das Aias não poderem conversar sobre assuntos de suas vidas antes de Gilead, as brechas sempre aparecem, principalmente quando vão às compras em dupla no supermercado. Um fato interessante é que essa corrente não se limita as Aias, nem somente às mulheres, mas também às Martas, Olhos, Esposas. Em todas as castas existem pessoas que não concordam com o sistema de Gilead, fazendo com que várias brechas sejam abertas.

Offred vai ao mercado fazer as compras. O atendente entrega um pacote para ela “ guarde para você, especial, que a paz esteja convosco.

Bilhete: “louvado seja, aqui está o seu pacote, moira”

“A culpa é deles. Nunca deveriam ter dado uniformes para nós se não queriam que fossemos um exército”, pensou Offred quando voltava do mercado com o pacote em mão, entregue pelo açougueiro.

Moira que quando reencontrou Offred estava assustada e insegura, fez o que lhe foi pedido, pegou o pacote no bar. Nesse momento sentiu coragem e força a ponto de matar um motorista, vestir suas roupas, pegar seu carro e fugir.

NIGHT (NOITE): DESCONTINUAR PARA CONCLUIR E SE ABRIR PARA OS PRÓXIMOS EPISÓDIOS

Essa pode ser a última vez que tenho que esperar, mas não sei pelo que estou esperando, minha punição creio. Dissemos não, recusamo – nos a cumprir nosso dever. Matar a Janine. E por esse pecado seremos punidas. Não há dúvidas, estou desonrada, que é o oposto do estado de graça, eu deveria estar aterrorizada. Mas me sinto serena... e há certa esperança aparentemente, até na futilidade. Tentei melhorar as coisas pela Hannah. Mudar o mundo, mesmo que só um pouco (Offred – Episódio 10)

Aqui, com algumas cenas do episódio intitulado *Noite*, trago as considerações finais desta dissertação, que não apresentam uma conclusão cristalizada, em uma lógica do decalque ou da reprodução. Como aqui a proposta foi abrir um mapa do pensamento, foram levadas em consideração as “múltiplas entradas” entre as linhas duras e as linhas de fuga das noções conceituais, do presente e das personagens da série *O Conto da Aia*. Tentamos produzir linhas de fuga “que permita explodir os estratos, romper as raízes e operar novas conexões” (DELEUZE; GUATARRI, 1995).

Neste décimo e último episódio da primeira temporada, em uma das cenas vemos que a personagem Tia Lídia foi fundamental na organização de Gilead, quando os treinamentos das Aias deram início à República.

Tia Lídia: Humilhai-vos na presença do senhor e ele vos exaltará. Como nos humilhamos?

Quando as mulheres foram capturadas no início de Gilead, foram levadas em fila para Tia Lídia. As tias eram as responsáveis por dar educação e treinar as mulheres a se tornarem Aias, ou seja, eram ensinadas a terem bons modos, a praticarem o ritual da Cerimônia. Quando June chega depois de ser capturada no bosque e ter sua filha sequestrada, é levada para uma sala com apenas uma cadeira, e tem a orelha furada, para colocar uma espécie de rastreador de metal.

Tia Lídia: Sinto muito dizer, mas isso será doloroso. Mas você é tão preciosa, que não queremos te perder.

Assim, por meio do processo de pesquisa e escrita, a distopia *O Conto da Aia* nos levou a problematizar o papel das “tias” da educação básica, e minha própria prática docente. A profissão feminina, no Ocidente, passa por uma historização de um “ideal mariano” (NUNES, 2006), como um modelo de docência no qual qualidades como docilidade, ternura e

abnegação estão entre as características desejáveis para as profissões que são consideradas femininas. Em Gilead, as mulheres são educadas para serem dóceis, submissas e subservientes.

As análises teóricas apresentadas nesta dissertação não são universais, mas sim uma produção de multiplicidades para se pensar o momento presente. Portanto, as protagonistas foram as intercessoras, as personagens que nos auxiliaram na processualidade, nesse território acontecimental, tornando visível questões acerca da mulher, a exemplo de Silvia Federici, Guacira Lopes, Judith Butler, Michel Foucault, as Aias, Offred, Serena, Comandante Fred, Nick (um dos Olhos), Luke, Hannah, assim como as noções conceituais. A potência desses encontros com as intercessoras tornou possível pensar que nossa sociedade é marcada pela normalização e normatização, por entre as relações de saber-poder.

Os dez episódios da série nos fizeram ver que a relação de poder que opera entre as mulheres não vem apenas da relação com os homens, mas sim das microrrelações diárias, por meio das quais, por vezes, as próprias mulheres oprimem outras mulheres. Nesse contexto, a educação se torna uma ferramenta de análise, pois quem educa os filhos são as mães, as mulheres. Na série, percebemos que o papel das Tias é fundamental na consolidação de um regime machista, fundamentado na misoginia cristã. Se observamos como se dá o processo de educação das nossas escolas, vemos que o papel das “tias” também é similar, ou seja, mulheres que educam os corpos em seus anos iniciais.

Vale ressaltar que essa pesquisa terá desdobramentos futuros, pois a série *The Hands Made Tale (O Conto da Aia)* se encontra, atualmente, na quarta temporada. Reiteramos que essa primeira temporada, analisada neste estudo, foi baseada no livro *O conto da Aia*. A quarta temporada, por sua vez, já apresenta trechos que foram inspirados no livro *Os Testamentos*, de Margaret Atwood, que foi lançado em 2019, como continuação, retratando Gilead 15 anos depois.

Não podemos deixar de mencionar que esta pesquisa acontece no meio de uma Pandemia, causada pelo Coronavírus, que já levou a mais de 3. 795. 554 de mortes no mundo todo. Sendo que no Brasil, já passamos de 565.000 mortes até o atual momento¹⁵. O negacionismo propagado pelo atual governo fez com que o país ficasse em segundo lugar em números absolutos de mortes por Covid-19, ficando atrás apenas da Índia. Considerado pelo mundo como o país que teve um dos piores gerenciamentos sobre pandemia e vacina, vários países bloquearam as fronteiras para os brasileiros.

¹⁵ Site acessado no dia 13/06/2021: <https://covid.saude.gov.br/>

Diante desse contexto, a pesquisa nos deu a possibilidade de cartografar a série pensando as mulheres em uma dimensão ética, estética e política, bem como as interdições, discursividade e dispositivos que mantêm o assujeitamento das mulheres e dos seus corpos. A partir dessas práticas discursivas, podemos pensar uma nova produção de vida, de alteridade, de resistência. As Aias não são corpos dóceis, mas sim corpos de resistência. Nossos corpos são de resistência. Subjetividades outras podem ser produzidas, “um acontecimento microscópico estremece o equilíbrio do poder local” (DELEUZE; GUATARRI, 1995).

Na conversa com as noções conceituais, com as intercessoras e as personagens da série *The Hands Made Tale (O Conto da Aia)*, pudemos fazer ver e falar como o olhar panóptico está em toda parte. Em nossa sociedade há uma produção discursiva que tenta garantir que sejamos mulheres, corpos obedientes. Até que ponto as mulheres tem a liberdade de usar seus próprios corpos? Que práticas regulatórias conduzem nossos corpos? Nossos corpos importam para a sociedade patriarcal?

Pudemos pensar também que os rituais determinam e autorizam quem pode falar, e o que se pode falar. Somos corpos doutrinados, e fazemos parte de uma rede que é tecida por nós mesmas. Durante o processo cartográfico, percebemos que Gilead foi inspirada pelo passo inicial de uma ideia, um livro, que foi escrito por uma mulher, a Serena. “O lugar de uma mulher” é retratado na série como um livro que fala sobre um “feminismo doméstico”, que incitava as mulheres a voltarem a cumprir sua função de mulher, de mãe e de esposa na sociedade, seguindo uma lógica doutrinária e hegemônica.

As linhas dessa dissertação têm um desfecho provisório, inacabado, as palavras aqui escritas não são só palavras, são “ palavras que emergem, então, no acontecimento, nos afetos, nos silenciamento, no inacabamento, na vida. Como força reveladora da singularidade de cada uma e de todas nós (DIAS, 2011, p. 286).

Nesse processo de pesquisa foi possível, então, problematizar o tema das mulheres. Foi esta temática que nos trouxe a esta pesquisa, pois vimos que em Gilead as mulheres não podem ler nem escrever, por conta das severas punições. Com isso, a série mostra que mesmo com todo o medo e tensão decorrente de inúmeras situações, as personagens se comunicam sem direcionar a alguém em específico, essas cartas, bilhetes, desabafos. Tudo porque o sistema de Gilead entende que as mulheres não precisam de educação formal, já que sua função é cuidar do marido, no caso das Esposas, cuidar da casa no caso das Martas, e terem filhos, que é a função das Aias.

Offred finalmente cria coragem de abrir o pacote escondido atrás de sua banheira. Quando abre se depara com vários papéis, recortes, como se fossem bilhetes, pequenas cartas. Passa a madrugada lendo escondida. As Aias, as mulheres de Gilead não podem ler e nem escrever...

“Meu nome é Greer Ladestro, fui uma Aia em três casas. Era do 3º ano de medicina na universidade de Washington, estou em Boston, eu acho, me ajude, pelo amor de deus, me ajude”.

“Meu nome é Alisson, tenho duas filhas, não sei onde elas estão. Tenho uma irmã, Júlia, em Londres. Quem estiver recebendo isso, por favor, não esqueça de mim. Por favor, não se esqueça de todos nós. Somos prisioneiras. Eles nos estupram nos tratam como animais. Precisa contar as pessoas o que acontece aqui. Por favor, senhor. Minha filha de oito anos foi levada”.

Ao acompanhar os episódios da primeira temporada da série *O Conto da Aia*, nesses dez episódios apresentados aqui, pudemos sentir que Offred é uma das Aias que subverte a lógica do regime de Gilead, busca nas brechas uma forma de se inventar e reinventar, lê e escreve, mesmo sabendo o risco de sofrer punições. Vive em busca da filha que perdeu para Gilead, por ser considerada uma degenerada. Ela nos força a pensar os nossos próprios processos formativos.

Por entre as linhas desta conclusão provisória, penso que meu processo formativo é único e singular. Uma jovem nordestina ativista que veio para o Estado do Rio de Janeiro trazendo as experiências proporcionadas por uma rede aquecida das mulheres que fizeram e fazem parte da minha vida e formação, rede que me auxiliou nesse processo de escrita, que aos poucos foi e está se tornando mais sensível.

Assim, encerramos provisoriamente as linhas desta dissertação, intitulada “Mulheres e uma distopia estética com *O Conto da Aia*”, retomando uma expressão emblemática que nos foi apresentada no episódio “*Nolite the bastardes carborumorum*”, que nos faz pensar o momento presente e as redes de mulheres que nos aquecem em nosso dia a dia: “Não deixe que os idiotas te desanimem”.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo Sexo*. 1 Fatos e Mitos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo Sexo*. 2 A experiência Vivida. Tradução de Sérgio Milliet. Difusão Europeia do Livro, 1967.
- BUTLER, Judith P. *A vida psíquica do poder*. Teorias da sujeição. Tradução Rogério Bettoni. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2017.
- BUTLER, Judith. *Corpos que Importam: Os limites discursivos do sexo*; Tradução Veronica Daminelli e Daniel Yago Françoli. 1. ed. São Paulo, 2019.
- BUTLER, Judith P. *Problemas de Gênero*. Feminismo e subversão de identidade; tradução de Renato Aguiar. 15. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017. Sujeito e História.
- DELEUZE, G. *Crítica e Clínica*, 1997. Tradução de Peter Pal Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo? In: DELEUZE, G. *O mistério de Ariana*. Lisboa: Veja, 1996, p. 83-96.
- DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. *Kafka: para uma literatura menor*. Tradução e prefácio: Rafael Godinho. Editions Minit, 2002.
- DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. *Mil platôs, Capitalismo e Esquizofrenia*. Volume 1. Tradução Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- DELEUZE Gilles, GUATARRI, Félix. *O Que é a Filosofia*. Tradução Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Monoz. Editora 34, 1997. Coleção Trans.
- DIAS, Rosimeri de Oliveira; RODIGUES, Heliana de Barros Conde. *Ordens do discurso: comentários marginais a aula de Michel Foucault*. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2021.
- DIAS, Rosimeri de Oliveira; SEPULVEDA, Denize. “A vida invisível”: por entre cartas, corpos de mulheres e processos de subjetivação. *Lav, Revista Digital do Laboratório de Artes Visuais*, v. 13, n2, Santa Maria, 2020.
- FEDERICI, Silvia. *Calibã e a Bruxa. Mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Tradução Coletivo Sicorax. São Paulo: Elefante, 2017.
- FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*: Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. *A verdade e as Formas Jurídicas*. Tradução Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais. 3. ed. Rio de Janeiro: Nau editora, 2002.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da Sociedade*: curso no College de France (1975 – 1976); tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Coleções tópicos.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilho Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 6. ed. Rio de Janeiro/são Paulo: Paz e Terra, 2017.

FOUCAULT, Michel. *O nascimento da biopolítica*: curso dado no Collège de France (1978 – 1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008. Coleções Tópicos.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o Poder. In: *Ditos & Escritos: IX Genealogia da Ética, Subjetividade e Sexualidade*. (Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

FOUCAULT, Michel. *Segurança, território e população*: curso dado no Collège de France (1977–1978). Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008. Coleção Tópicos.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: História da Violência nas Prisões*. Tradução de Rachel Ramallete. 27. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

HARAWAY, Dona. “*Gênero*” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. Universidade Califórnia: Cadernos Pagu, 2004.

HOOKS, Bell. *Mulheres Negras: Moldando a Teoria Feminista*, 2015.
<Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522015000200193> Acesso em: 10/08/2020.

KOLTUV, Barbara Black. *O livro de Lilith: O resgate do lado sombrio do feminino universal*. Tradução Rubens Rusche. 2.ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, Sexualidade e Educação - Uma perspectiva pós estruturalista*. 6. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1997.

NUNES, Iran de Maria Leitão. *Ideal Mariano e Docência: a identidade feminina da proposta educativa Marista*. UFRN, 2006.

PAIS, Ana. Margaret Atwood, autora de *O Conto da Aia*: “Se os EUA tivessem uma ditadura, seria religiosa”. Cartagena, 9 de fevereiro, 2020. Disponível em: < <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51365712>. > Acesso em: 10 de agosto de 2020.

PAULON, Simone Mainiere. *A análise de implicação como ferramenta na pesquisa - intervenção*, 2004.

PELBART, P.P. Experiencia e Sujeito. In: MUCHAIL, S. T.; Fonseca, M.A.; Veiga-Neto, A. *O mesmo e o outro: 50 anos de história da loucura*. Belo Horizonte: Autentica, 2013. p.45-58.

ROVERE, Maxime. *Arqueofeminismo. Filósofas e filósofos feministas séculos XVII – XVIII*. 1 edição, N-1 edições, São Paulo, ano MMXIX.

SCOTT, Joan. GÊNERO: Uma Categoria Útil para análise histórica. *Revista e Sociedade*. Porto Alegre, v.16, n2, 1990.

SILVA, Mariah Rafaela. *Código da ameaça: trans classe de risco: preta*, N- 1, 2020.

SIMONI, Ana Carolina Rios. RICKES, Simone Moschen. *Pesquisar da diferença: Um abecedário*. Organizado por Tania Mara Galli Fonseca, Maria Lívia do Nascimento, Cleci Maraschin. Porto Alegre: Sulina, 2012.

Quatro milhões de meninas devem ser sexualmente mutiladas em 2020. *Carta Capital*, 6 de fevereiro de 2020. Disponível em < <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/quatro-milhoes-de-meninas-devem-ser-sexualmente-mutiladas-em-2020/> > Acesso em: 10 de agosto de 2020.